NOVAFCSH
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

Metodologia para a proposta de uma definição reformulada do conceito de estratégia militar

Alexandre Miguel de Sousa Carreira

Dissertação
de Mestrado em Ciências da Linguagem:
Terminologia e Gestão de Informação
de Especialidade

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Julho, 2023

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem: Terminologia e Gestão de Informação de Especialidade

Realizada sob a orientação científica da
Professora Doutora Maria Rute Vilhena Costa

Aos meus avós

por todo o carinho e amor

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer à minha orientadora, a Professora Rute Costa, por me ter despertado o interesse pela terminologia, ainda durante a licenciatura. Agradeço a sua disponibilidade para responder a dúvidas, oferecer feedback construtivo e incentivar-me a continuar. Também a sua experiência e conhecimento foram fundamentais para o sucesso deste trabalho. O meu obrigado, Professora Rute Costa.

Em segundo lugar, quero agradecer à Professora Margarida Ramos pela sua disponibilidade, experiência e apoio para a conclusão desta etapa tão importante. Em breve, encontrar-nos-emos num outro contexto académico.

Em terceiro lugar, agradeço ao Tenente-Coronel Pedro Costa por toda a disponibilidade ao longo do processo de pesquisa.

Quero agradecer também às minhas amigas, e colegas de mestrado, Alice, Claúdia e Joana. As vossas palavras de amizade e conforto ao longo de todo o curso de Mestrado foram essenciais para a conclusão de mais uma etapa académica.

Catarina, Ricardo e Rita, obrigado pela vossa cuidadosa revisão.

Dirijo ainda um obrigado a todos os meus amigos que, direta e indiretamente, estiveram envolvidos durante todo o mestrado. Com toda a certeza, sabem quem são.

Por último, mas não menos importante, agradeço à minha família, especialmente à avó Maria e ao avô Aurindo, por todo o apoio durante esta etapa tão importante para mim.

Resumo

A escolha do domínio recaiu sobre uma ambiguidade identificada no discurso de especialidade das ciências militares. Essa ambiguidade consiste no uso do termo "estratégia" para designar diversos conceitos pertencentes ao domínio das ciências militares como, por exemplo, <Estratégia militar aeroespacial>, <Estratégia de defesa nacional> e <Estratégia militar>, sendo que todos são subdomínios do domínio estratégia.

É objetivo deste trabalho adotar uma metodologia adequada para se proceder a uma breve organização semiformal do conhecimento da estratégia militar, propondo-nos a apresentar uma nova definição para o conceito <Estratégia militar>. Para que tal seja alcançado, começamos por compilar um *corpus* textual, sendo processado semiautomaticamente com recurso a ferramentas computacionais. Paralelamente, procedemos a uma análise morfolexical dos candidatos a termo identificados, assim como a uma análise de contextos dos mesmos. Essa análise forneceu-nos dados que foram analisados e aproveitados para se proceder à construção de mapas lexicais e concetual no CmapTools.

Por último, deixamos em aberto a possibilidade de um aprofundamento do presente trabalho, dado que, em primeiro lugar, este não foi validado por um grupo de especialistas do domínio e, em segundo lugar, permite avançar para uma organização do conhecimento a nível formal.

PALAVRAS-CHAVE: ciências militares, conceito, *corpora*, estratégia militar, terminologia, termo

Abstract

The domain chosen for this study focuses on an ambiguity identified in the specialized discourse of military science. This ambiguity lies in the use of the term "strategy" to designate multiple concepts belonging to the domain of military science, for instance, <Aerospace military strategy>, <National defense strategy>, and <Military strategy>, all belonging to the subdomain <Strategy>.

The main goal of this dissertation is to choose an appropriate methodology to come up with a brief semi-formal organization of knowledge on military strategy, while proposing a new definition for the concept <Military strategy>. To achieve this, we compiled and processed semi-automatically one textual *corpus*, using computational tools. Concurrently, a morpholexical analysis of term candidates was carried out, as well as an analysis of their contexts. These analyses provided data that was used to create lexical and conceptual maps using CmapTools.

Finally, this study allows possible further research, as it has not yet been validated by a group of experts in the domain and allows to take steps towards a formal organization of military science´s knowledge.

KEYWORDS: concept, *corpora*, military science, military strategy, term, terminology

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IDN – Instituto de Defesa Nacional

IUM – Instituto Universitário Militar

ISO – Organização Internacional de Normalização

RCAAP – Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal

RDPC-EU – Repositório Digital de Publicações Científicas da Universidade de Évora

RUN – Repositório da Universidade NOVA de Lisboa

Índice

Introdução 1
Objetivos 3
Capítulo 1 – Enquadramento teórico e metodologia 4
1.1 Ciência terminológica 4
1.2 Dupla dimensão da terminologia 5
1.3. Terminologia Militar 8
Capítulo 2 – Descrição do domínio: ciências militares 10
2.1. Identificação do domínio 10
2.2. Tipos de estratégia 12
2.3. Estratégia – problemática 13
Capítulo 3 – Constituição dos corpora 20
3.1. Constituição dos corpora 20
3.1.1. Critérios para a seleção dos textos 21
3.1.2. Fontes dos textos 22
3.1.3. Tipos de textos recolhidos 23
3.2. Tratamento semiautomático do corpus textual 24
3.2.1. Frequência 26
3.2.2. Concordância e N-grams 27
3.3. Seleção das formas candidatas a termo 30
3.3.1. Critérios de exclusão 30
Capítulo 4 – Dados terminológicos 32
4.1. Análise e descrição dos dados terminológicos 32
4.1.1. Candidatos a termo 32
4.1.2. Estrutura morfolexical dos candidatos a termo 34
4.1.3. Análise dos contextos 41
Capítulo 5 – Organização do conhecimento: do linguístico ao concetual 50
5.1. Relação entre a dimensão linguística e a concetual 50
5.2 Construção de mapas lexicais 51
5.2.1. Mapa lexical 1 – "estratégia de defesa nacional" 53
5.2.2. Mapa lexical 2 – "estratégia de defesa militar" 55
5.2.3. Mapa lexical 3 – "estratégia naval" 57
5.2.4. Mapa lexical 4 – "estratégia militar aérea" 58
5.2. Dimensão concetual 59
5.3.1. Proposta do mapa concetual de <Estratégia militar> 60

6. Considerações finais **63**
Referências bibliográficas **65**
Lista de figuras **69**
Lista de tabelas **70**

Introdução

Este trabalho, intitulado *Metodologia para a proposta de uma definição reformulada do conceito de estratégia militar*, tem por finalidade apresentar uma definição reformulada para o conceito <Estratégia militar>, pertencente ao domínio das ciências militares, tendo por base os pressupostos teóricos e metodológicos da terminologia. A necessidade da redefinição deste conceito prende-se com o facto de, no século XXI, ter havido uma evolução do conceito que leva ao seu reposicionamento no sistema concetual a que pertence.

Pretendemos apresentar uma metodologia de trabalho para a redefinição do conceito <Estratégia militar> a partir da análise das suas designações em *corpus* das ciências militares. O termo "estratégia militar" ocorre de forma frequente nos textos, sendo a finalidade analisar os contextos em que ocorre. A análise lexical efetuada permitiu-nos identificar características diferentes do conceito, o que acarreta alguma ambiguidade que, idealmente, deve ser evitada.

Consideramos que, com este trabalho, podemos dar um contributo para a organização do conhecimento, o que pode ter um impacto na melhoria da comunicação entre especialistas das ciências militares, evitando assim possíveis ambiguidades.

Este trabalho assenta numa metodologia que respeita a dupla dimensão da terminologia – a concetual e a linguística. Na perspetiva concetual, o conceito é o ponto de partida e, por isso, a sua abordagem é considerada onomasiológica, enquanto na perspetiva linguística o termo que designa o conceito é o ponto de partida, sendo, deste mesmo modo, a metodologia semasiológica. Considerando que tanto temos de observar o termo e o conceito, a metodologia adotada segue os princípios da abordagem mista. Por outras palavras, apesar de haver várias abordagens possíveis, entendemos que ambas as dimensões da terminologia são indissociáveis.

Este trabalho está dividido em cinco capítulos, apresentando subdivisões em tópicos específicos. No primeiro capítulo, *Enquadramento teórico e metodologia*, definimos a metodologia utilizada, ancorada na dupla dimensão da terminologia, e fazemos uma breve contextualização da terminologia militar.

No segundo capítulo, intitulado *Descrição do domínio: ciências militare*s, procurámos não só identificar e descrever o domínio selecionado para este trabalho, como também delimitá-lo.

No terceiro capítulo, intitulado *Constituição dos corpora*, procedemos à análise dos pressupostos da Linguística de Corpus para termos o suporte teórico necessário para justificarmos a metodologia utilizada para a constituição dos *corpora*. Por outras palavras,

explicamos como se procedeu à constituição e organização dos *corpora* de análise deste trabalho.

No quarto capítulo, *Dados terminológicos*, damos conta da análise e descrição dos dados terminológicos recolhidos do *corpus* textual com recurso a ferramentas de processamento semiautomático. Neste capítulo selecionámos os candidatos a termo e fizemos uma análise tanto à sua estrutura morfolexical, assim como analisámos vários contextos, dos quais retirámos dados relevantes para inferir relações lexicais e concetuais.

No último capítulo, intitulado *Organização do conhecimento*, procedemos à construção dos mapas lexicais e concetual, com propostas de definição, tendo por base a análise de dados recolhidos com o processamento do *corpus* textual compilado para este trabalho.

Com a reformulação da definição, esperamos dar um contributo para a organização do conhecimento com impacto no discurso.

Objetivos

O principal objetivo deste trabalho é propor uma metodologia de trabalho para a redefinição do conceito <Estratégia militar>.

A escolha dos objetivos para esta dissertação é fundamentada na utilização que os peritos do domínio fazem do termo "estratégia". Este é o termo base de inúmeros termos polilexicais como, por exemplo, "estratégia militar", "estratégia aérea", "estratégia naval", "estratégia marítima". Verificamos que os especialistas têm uma tendência para usar o termo "estratégia" sem as suas extensões, sendo a redução lexical um fator de ambiguidade sobretudo para não peritos. Deste modo, pretendemos fazer uma análise aos diversos contextos em que ocorre o termo "estratégia" como forma base de termos polilexicais para percebermos se este designa sempre o mesmo conceito ou se há oscilação na sua conotação.

Capítulo 1 – Enquadramento teórico e metodologia

1.1 Ciência terminológica

A descrição da terminologia enquanto ciência, neste trabalho, tem como ponto de partida as normas ISO 704:2022 – "Terminology work – Principles and methods" e 1087:2019 – "Terminology work and terminology science – Vocabulary".

A norma ISO 1087 (2019) define o trabalho terminológico como "work concerned with the systematic collection, description, processing and presentation of concepts and their designations". No que diz respeito à norma ISO 704, esta acrescenta que o trabalho terminológico:

> "It is multidisciplinary and draws support from several disciplines (e.g. logic, epistemology, philosophy of science, linguistics, translation studies, information science, cognitive science). It combines elements from many theoretical approaches that deal with the description, ordering and transfer of knowledge" (ISO 704, 2019).

O trabalho desenvolvido pelos terminólogos é multidisciplinar, dado que se apoiam em muitas outras disciplinas (epistemologia, ciências da informação, …), combinando-as, com o objetivo de descrição, organização e transferência de conhecimento. Porém, os objetivos da terminologia não ficam por aqui. (*cf.* ISO: 704:2022).

> "Terminology work according to this document is concerned with terminology used for unambiguous communication in natural language, in particular special languages. The goal of terminology work as described in this document is, thus, a clarification and standardization of terminology for communication between humans. Terminology work can also support knowledge modelling, information modelling, data modelling and classification (…)" (ISO 704, 2019).

Segundo Cabré (1999), o trabalho terminológico pode ter diferentes focos que partem da forma como a terminologia é encarada:

> "We first need to identify four different points of view which in turn lead to different focuses for terminological work and applications:
>
> 1. For linguists, terminology is a part of the lexicon defined by subject matter and pragmatic usage.
> 2. For subject field specialists, terminology is the formal reflection of the conceptual organization of a special subject and a necessary medium of expression and professional communication.
> 3. For end-users (either direct or intermediary) terminology is a set of useful, practical communication units which are assessed according to criteria of economy, precision, and suitability.
> 4. For language planners, terminology is an area of a language requiring intervention in order to reaffirm its usefulness and survival and to ensure its continuity as a means of expression through modernization." (Cabré, 1999, p.11).

Para o trabalho por nós levado a cabo, temos em consideração o primeiro tópico proposto por Cabré (1999, p.11). É neste contexto que consideramos os diversos métodos que podem ser adotados no decorrer do trabalho terminológico. Em primeiro lugar, existe o debate em torno da questão da onomasiologia e da semasiologia, que será abordado no próximo ponto; em segundo lugar, existem dois pressupostos teóricos relativamente à dupla dimensão da terminologia, que também serão analisados no próximo ponto.

1.2 Dupla dimensão da terminologia

Como foi abordado no ponto anterior, a terminologia tem vários objetivos como, por exemplo, a redução da ambiguidade no que diz respeito à comunicação técnica e científica. De modo a contribuirmos para esse objetivo, temos em consideração os pressupostos teóricos da terminologia, nomeadamente, a dupla dimensão da terminologia – a dimensão linguística e a dimensão concetual. Esta dupla dimensão permite-nos adotar várias abordagens metodológicas, dependendo do ponto de partida – o termo ou o conceito.

Antes de avançarmos neste trabalho, tem de ser abordado o que se entende por termo e por conceito. De acordo com Costa[1], um termo é a designação verbal de um conceito num domínio específico e, teoricamente, é comum aos indivíduos que constituem uma comunidade de comunicação especializada. Se observarmos a definição apresentada pela norma ISO 1087:2019, esta define termo como "designation that represents a general concept by linguistic means". Assim sendo, um termo é uma unidade lexical especializada, que pode ser composta por uma ou mais unidades lexicais.

[1] Contexto de aula, 2021/2022.

A norma ISO 1087 (2019) define conceito como "unit of knowledge created by a unique combination of characteristics".

Relativamente aos tipos de características, considera-se oportuno o esclarecimento do que é entendido por cada tipo de característica. A norma ISO 1087 (2019) define a característica essencial como sendo "[a] characteristic of a concept that is indispensable to understand that concept" e, em vez de característica descritiva, defendida por Roche[2], a norma introduz o conceito de característica não-essencial, que define como "[a] characteristic of a concept that is not indispensable to understand that concept" (ISO 1087, 2019).

Quando falamos em termos e conceitos, é necessário que seja feita uma clarificação das convenções adotadas para os representar. Os termos são representados entre aspas (" "), enquanto os conceitos são representados entre parênteses angulares (< >).

A metodologia adotada para este trabalho requer que seja esclarecido o que se entende por abordagem linguística e abordagem concetual. A primeira, designada por abordagem semasiológica, tem o termo que designa um conceito como ponto de partida. Neste sentido, a abordagem semasiológica parte dos termos que se encontram em textos, quer sejam escritos ou orais.

A segunda abordagem, designada onomasiológica, tem como ponto de partida o conceito cuja finalidade é defini-lo e posicioná-lo no sistema concetual a que pertence, permitindo deste mesmo modo a sua diferenciação face a todos os outros. De acordo com Cabré (2019, p.38), a perspetiva semasiológica está mais próxima do trabalho lexicográfico e a perspetiva onomasiológica está mais presente no trabalho terminológico, tal como esquematizado na figura 1.

[2] Contexto de aula, 2021/2022.

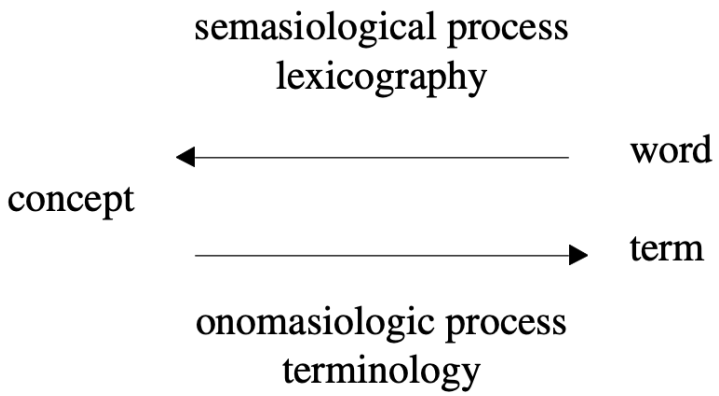


Figura 1: Processos e pontos de partida (Cabré, 1999, p.38)

Porém, alguns autores, entre os quais Costa et al (2020), preconizam uma terceira abordagem – a abordagem mista, que adotamos neste trabalho.

A metodologia ancorada na abordagem mista tem dois momentos de análise. O primeiro prende-se com a abordagem ao *corpus* – dimensão linguística – e o segundo com a organização concetual do domínio – dimensão concetual.

No que diz respeito às abordagens, apesar de se poder adotar uma ou outra abordagem, segundo Costa et al. (2020, p.1), "Qualquer trabalho terminológico ancorado nessa bidimensionalidade [linguística/concetual] deve ter em conta essas duas dimensões, independentemente da abordagem metodológica utilizada (...)". Por outras palavras, é necessário ter em atenção que as dimensões linguística e concetual estão intrinsecamente relacionadas, quer se opte por uma abordagem onomasiológica quer se opte por uma abordagem semasiológica.

O posicionamento de um conceito no seu sistema concetual pressupõe a análise de relações concetuais, leia-se, a relação de um conceito com outros conceitos que lhe são próximos. Estas relações, segundo Costa[3], só podem ser estabelecidas quando são encontradas diversas características que são atribuídas aos respetivos conceitos. As características podem ser, de acordo com Roche[4], essenciais ou descritivas e são estas que acabam por posicionar os conceitos, organizando-os num sistema concetual.

No seguimento de um dos objetivos propostos para este trabalho – melhoria da comunicação entre especialistas – e tendo em consideração um outro objetivo da terminologia

[3] Contexto de aula, 2021/2022.
[4] Contexto de aula, 2021/2022.

– fornecer recursos apropriados à comunicação entre especialistas –, com a organização do conhecimento subjacente ao domínio do nosso trabalho, pretendemos alcançar ambos. Para tal, partimos da organização dos termos considerando as relações lexicais que são estabelecidas entre estes mesmos termos, para passarmos à representação concetual que se concretiza com a construção do mapa concetual.

Com a construção do mapa concetual, o que se pretende é representar os dados terminológicos que resultam da descrição dos termos ou dos conceitos.

Para a organização do domínio, e de modo a serem atingidos os objetivos propostos para este trabalho, utilizámos a ferramenta CMapTools[5]. A ferramenta permitiu-nos representar as relações entre os termos e, deste mesmo modo, proceder ao mapeamento do conhecimento linguístico. Este mapeamento será realizado posteriormente neste trabalho. Também utilizámos a ferramenta supramencionada para definir o conceito <Estratégia militar>.

1.3. Terminologia Militar

Neste trabalho, temos em consideração a proposta de definição de terminologia militar apresentada por Ivashchenko e Ivashchenko (2023):

> "We define military terminology as a set of terms (words and phrases) to denote general military and special concepts related to military affairs, military science, military equipment (military and technical terms), military legislation, military policy (military and political terms), military diplomacy (military and diplomatic terms), etc." (Ivashchenko e Ivashchenko, 2023, p.48).

Por outras palavras, a terminologia militar diz respeito ao conjunto dos termos específicos das ciências militares. Alguns destes termos encontram-se na língua comum, todavia, no domínio em análise acabam por ter um significado próprio que é partilhado pelos especialistas e utilizadores da terminologia militar. Esta terminologia é comum a todos os ramos das Forças Armadas – Exército, Marinha e Força Aérea. Porém, existem termos que se aplicam exclusivamente a cada um destes ramos. Estes termos podem ser monolexicais, polilexicais, e também se podem refletir em fraseologias e colocações. Apesar de serem muito frequentes no texto de especialidade, nem as fraseologias, nem as colocações serão consideradas neste trabalho.

[5] https://cmap.ihmc.us.

Abordar a terminologia militar obriga a que se tenha em consideração o material, equipamentos e sistemas de armas, assim como considerar a organização militar, a legislação, a disciplina e a subordinação militar, entre outros. Este facto é corroborado pelo IUM (2020):

> "(...) termos inerentes à conceção e aplicação de materiais, equipamentos e sistemas de armas, assim como termos que se prendem diretamente com a organização militar, nomeadamente com as relações de autoridade e subordinação, a função e relações de comando, a disciplina militar e o exercício da competência disciplinar" (IUM, 2020, p.10).

Um aspeto que nos desperta a atenção em relação à terminologia militar prende-se com o facto de esta ser caracterizada por um contexto sensível em que parte do conhecimento veiculado pelos especialistas não está acessível ao público em geral. Ou seja, o facto de muitos documentos serem classificados e confidenciais, leva-nos a assumir que não temos acesso à totalidade da terminologia militar, mas sim à parte desta que é disponibilizada pelos especialistas e pelas instituições e/ou organizações militares.

Capítulo 2 – Descrição do domínio: ciências militares

2.1. Identificação do domínio

O nosso objeto de estudo é a definição do conceito <Estratégia militar>. Considerando o objeto de estudo deste trabalho estar diretamente relacionado com o domínio das ciências militares, é indispensável dissertar acerca do domínio e dos seus subdomínios. Como ponto de partida, temos como referência o esclarecimento da Academia Militar[6] sobre o que entende serem as ciências militares.

> As Ciências Militares são um corpo de conhecimentos de natureza multidisciplinar, relativos à edificação e emprego de capacidades militares usadas na defesa, vigilância, controlo e segurança dos espaços sob soberania ou jurisdição nacional, na resposta a crises, conflitos e emergências complexas, em missões humanitárias e de paz, em apoio ao desenvolvimento e bem-estar, na cooperação e assistência militar, bem como na atividade de segurança interna. As ciências militares organizam-se nas seguintes áreas de conhecimento: estudo das crises e dos conflitos armados, operações militares, técnicas e tecnologias militares, comportamento humano e saúde em contexto militar e estudos de segurança interna e dos fenómenos criminais (Academia Militar, n.a).

Com esta definição fica evidente que as ciências militares são um domínio multidisciplinar. A partir da análise do excerto acima citado, concluímos que as áreas de conhecimento são as seguintes:

a) estudo das crises e dos conflitos armados;
b) operações militares;
c) técnicas e tecnologias militares;
d) comportamento humano e saúde em contexto militar;
e) estudos de segurança interna e dos fenómenos criminais.

Destas áreas apontadas, identificamos os seguintes subdomínios:

a) Crises;
b) Conflitos armados;
c) Comportamento humano em contexto militar;
d) Saúde em contexto militar;
e) Segurança interna;

[6] https://academiamilitar.pt.

f) Fenómenos criminais.

Contudo, instituições como, por exemplo, o Instituto Universitário Militar (IUM) (2020) consideram a estratégia como um ramo das ciências militares.

> "estratégia *strategy*
> parte da ciência militar que estuda e planeia a criação, o desenvolvimento e a utilização adequada dos meios de coação política, económica, psicológica e militar à disposição do poder político, de modo a atingir os objetivos estabelecidos" (IUM, 2020, p.129).

Neste sentido, propomos acrescentar um novo subdomínio, destacado a vermelho, à proposta apresentada pela Academia Militar[7]: g) estratégia (ver figura 2).

Figura 2: Esquema do domínio e dos seus subdomínios segundo a Academia Militar (n.a)

Devido à abrangência do domínio de análise, este não seria passível de ser analisado na sua totalidade. Com isto, limitamo-nos ao estudo do conceito <Estratégia militar> e dos conceitos que estão diretamente relacionados com este. Neste seguimento, tratamos as ciências militares como domínio e a estratégia como subdomínio de análise, sendo o segundo o nosso ponto de interesse.

[7] https://academiamilitar.pt/curso-de-ciencias-militares-na-especialidade-de-seguranca.html.

2.2. Tipos de estratégia

Para se abordar o conceito <Estratégia militar>, é necessário ter em atenção os tipos de estratégia que existem. Embora existam tipos de estratégia pertencentes a outros domínios como, por exemplo, estratégia financeira, devido aos limites do nosso trabalho, focamo-nos apenas nos tipos de estratégia que se inserem no subdomínio de análise.

Dentro do subdomínio, e segundo o glossário proposto pelo IUM (2020, p.129), existem três tipos de estratégia: a) estratégia aérea, b) estratégia marítima, e c) estratégia militar. Em relação aos tipos a) e b), conseguimos, através da observação dos adjetivos "aérea" e "marítima", deduzir que estes se inserem no contexto dos ramos das forças armadas, nomeadamente, a força aérea e a marinha, respetivamente. No entanto, segundo Ferreira et al. (2018), e com base na sua análise ao livro "*Introdução à Estratégia*" de André Beaufre[8], estes dividem a estratégia em vários níveis quanto à coação (ver figura 3), sendo que "cada nível determina competências e responsabilidades, distintas e interdependentes" (Ferreira et al., 2018, p.259).

Figura 3: Divisões da estratégia quanto à coação segundo Ferreira et al. (2018, p.259)

[8] André Beaufre (1902-1975) foi um general francês que, após a sua reforma, se dedicou a um período intelectual durante o qual publicou uma trilogia dedicada à estratégia. A obra de André Beaufre mencionada não é tida em consideração neste trabalho, mas sim a recensão crítica que lhe é feita.

Através da análise da figura 3, conseguimos verificar quais são os níveis propostos pelos autores supramencionados. A estratégia divide-se em vários níveis que os autores classificam como sendo:

a) Total;
b) Gerais;
c) Particulares.

Dentro de cada nível existem vários tipos de estratégia que caracterizam esse mesmo nível. Sendo o nosso foco na estratégia militar, apenas consideramos os tipos de estratégia que lhe dizem respeito. Ao observar-se a figura 3, verifica-se que a estratégia militar é de nível geral e está englobada na estratégia total. No entanto, a estratégia militar engloba níveis particulares:

a) Aeroespacial;
b) Naval;
c) Terrestre.

2.3. Estratégia – problemática

Os diversos tipos de estratégia que existem levantam uma das questões centrais do nosso trabalho: o termo "estratégia" designa sempre o mesmo conceito ou existe oscilação na sua denotação?

Comecemos por nos focar no termo "estratégia". Em baixo (ver figura 4) apresentam-se as três aceções propostas pela Infopédia[9].

[9] Porto Editora. (n.a). "estratégia" no Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa. [online]. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estratégia. (Consultado a 11 de abril de 2023).

estratégia

es.tra.té.gi.a • (i)ʃtrɐˈtɛʒjɐ

nome feminino

1. MILITAR ciência que, tendo em vista a guerra, visa a criação, o desenvolvimento e a utilização adequada dos meios de coação política, económica, psicológica e militar à disposição do poder político para se atingirem os objetivos por este fixados
2. conjunto dos meios e planos para atingir um fim
3. estratagema

Do grego *strategía*, «comando do exército», pelo latim *strategĭa-*, «prefeitura militar»

Figura 4: Aceções de "estratégia" segundo a Infopédia (n.a)

A primeira aceção de estratégia, segundo a figura 4, insere-se no ramo das ciências militares e é considerada como uma ciência que se insere num contexto de guerra. O termo "estratégia" engloba meios de coação que são de ordem:

a) política;
b) económica;
c) psicológica;
d) militar.

Por outras palavras, a estratégia insere-se no contexto militar, todavia, há elementos de outros domínios que a compõem.

A segunda aceção de estratégia já não é aplicada exclusivamente ao domínio das ciências militares, mas aplica-se a outros domínios como, por exemplo, o marketing e o desporto. Nestes domínios encontramos termos polilexicais como "estratégia de marketing" e "estratégia de jogo", respetivamente.

Através da etimologia percebe-se que o termo "estratégia" surge no contexto do nosso domínio – as ciências militares. Esta informação levanta uma questão. Se "estratégia" surge no seio das ciências militares, dizer "estratégia militar" não será uma redundância?

Observemos agora as aceções apresentadas no Glossário de Termos Militares do IUM (figura 5):

estratégia ***strategy***

parte da ciência militar que estuda e planeia a criação, o desenvolvimento e a utilização adequada dos meios de coação política, económica, psicológica e militar à disposição do poder político, de modo a atingir os objetivos estabelecidos

estratégia aérea ***air strategy***

FORÇA AÉREA parte da ciência militar baseada no pensamento do emprego do poder aeroespacial para alcançar objetivos estratégicos, promovendo a ligação das operações aéreas aos efeitos a atingir

estratégia marítima ***maritime strategy***

MARINHA arte e a ciência que se ocupa da escolha, preparação e emprego do poder marítimo, em tempo de paz perante antagonismos, e em situações de crise ou de guerra para a realização dos objetivos marítimos e militares definidos pela política

estratégia militar ***military strategy***

ciência e arte de desenvolver e utilizar as Forças Armadas com vista à consecução de objetivos fixados pela política, sendo uma componente da estratégia nacional ou multinacional

Figura 5: Aceções de "estratégia" segundo o IUM (2020, p.129)

Antes de mais, ao confrontar os tipos de estratégia apresentadas por Ferreira et al. (2018, p.259) e pelo IUM (2020, p.129), verificamos que os de Ferreira et al. contemplam "estratégia militar aeroespacial" e "estratégia militar terrestre". O IUM apenas faz referência a "estratégia" e "estratégia aérea", não contemplando "estratégia militar terrestre".

Na figura 5 podemos observar ainda a utilização de etiquetas que se encontram grafadas em letra maiúscula. A utilização das etiquetas "FORÇA AÉREA" e "MARINHA" serve para associar os termos aos ramos das forças armadas correspondentes.

Com esta comparação fica também evidente que o IUM parece optar por não utilizar os termos polilexicais na sua totalidade, dado que omite o adjetivo qualificativo "militar". Este será um ponto analisado posteriormente.

Com as aceções do IUM (2020), conseguimos responder à questão anteriormente colocada: se "estratégia" surge no seio das ciências militares, dizer "estratégia militar" não será uma redundância? O facto de o IUM considerar que "estratégia" engloba vários meios de coação que podem ser, por exemplo, políticos e económicos, e, em seguida, classificar a "estratégia militar" como sendo a que diz respeito à utilização das forças armadas, leva-nos a

deduzir que “estratégia militar”, efetivamente, não é uma redundância, dado que designam conceitos diferentes.

Partindo dos diversos tipos acima mencionados, e com recurso à ferramenta CMapTools, apresentamos, nas figuras 6 e 7, o que consideramos ser a divisão de “estratégia militar”, dentro do nosso subdomínio, segundo as visões de Ferreira et al. (2018, p.259) e do IUM (2020, p.129), respetivamente.

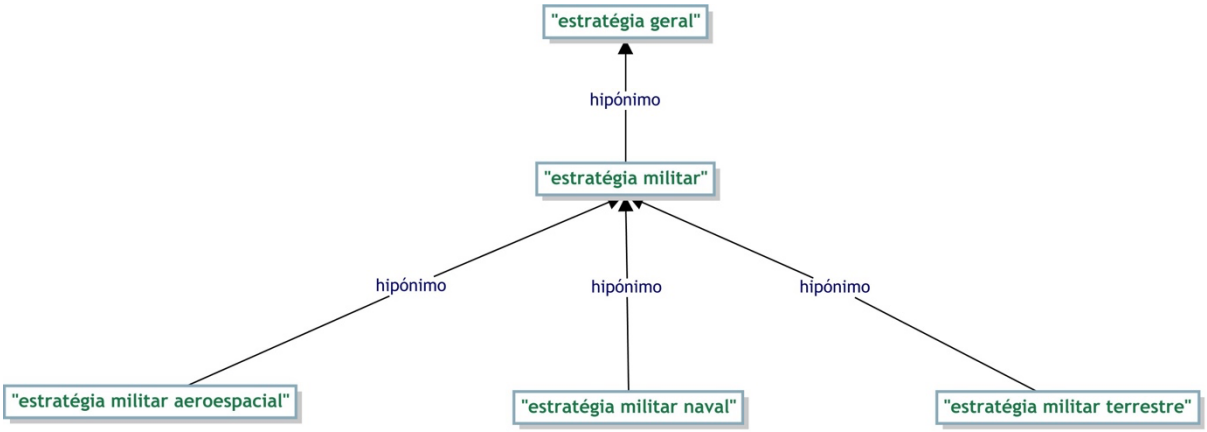


Figura 6: Possível divisão de estratégia militar segundo Ferreira et al. (218, p.259)

Na figura 6 estão estabelecidas relações de hiponímia entre os vários tipos de estratégia. Tendo “estratégia militar” como ponto de partida, podemos verificar que esta tem vários tipos de estratégia. Ao observar os termos, verificamos que a utilização de “aeroespacial”, “naval”, e “terrestre” atribui características a “estratégia militar”, tornando-a mais específica. Com isto, podemos estabelecer relações de hiponímia através de “hipónimo”, permitindo-nos afirmar que “estratégia geral” é hiperónimo de “estratégia militar”, uma vez que “estratégia militar” é um tipo de “estratégia geral”. Por sua vez, “estratégia militar aeroespacial”, “estratégia militar naval” e “estratégia militar terrestre” são hipónimos de “estratégia militar” porque são tipos de “estratégia militar”.

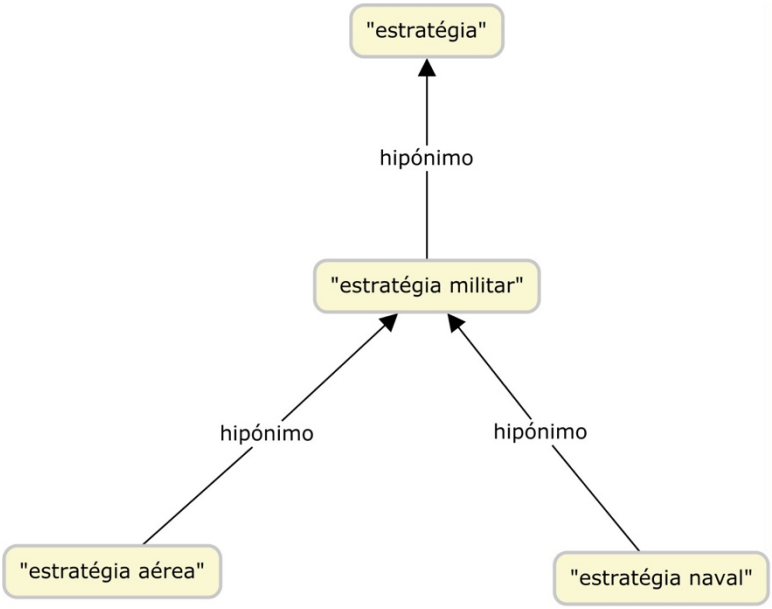


Figura 7: Possível divisão de estratégia militar segundo o IUM (2020, p.129)

Como referimos anteriormente, o IUM opta pela não inserção do adjetivo "militar" quando se refere a "estratégia aérea" e a "estratégia naval". No entanto, pelas aceções observadas na figura 7, podemos concluir que estas são tipos de "estratégia militar", tal como se verificou em Ferreira et al (2018, p.259).

À semelhança da figura 6, na figura 7, também foram estabelecidas relações de hiponímia entre os vários tipos de estratégia: "estratégia militar" é hipónimo de "estratégia", tal como "estratégia aérea" e "estratégia naval" são hipónimos de "estratégia militar".

Apesar de ambas as fontes serem devidamente credenciadas dentro do nosso domínio, neste trabalho, consideramos pertinente propor uma terceira possível divisão de estratégia militar. Esta é a nossa proposta (ver figura 8) após considerarmos os dados que analisámos anteriormente.

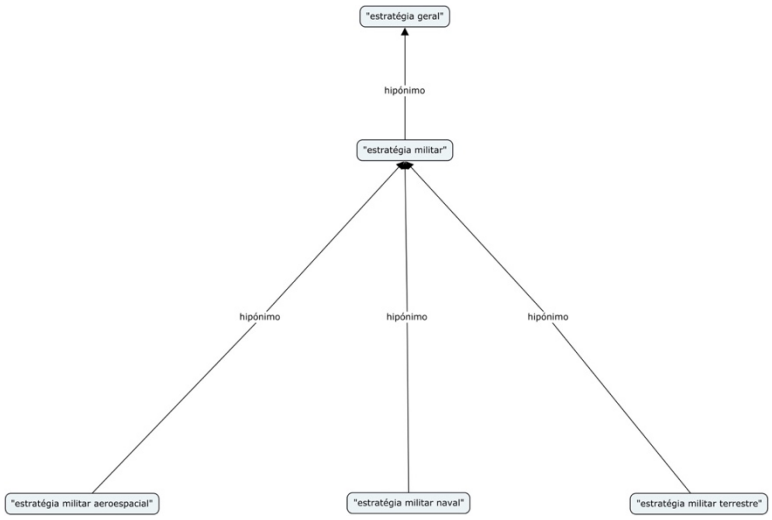


Figura 8: Possível divisão de estratégia militar

Esta proposta acaba por refletir as considerações de Ferreira et al. (2018, p.259) e as do IUM (2020, p.129). Neste sentido, estabelecemos as mesmas relações de hiponímia das figuras 6 e 7. Esta proposta diferencia-se das anteriores em dois momentos. Em primeiro lugar, utilizamos sempre os termos na sua extensão como, por exemplo, em "estratégia militar aérea" e "estratégia militar terrestre", e, em segundo lugar, temos em consideração ambas as estratégias militares "aeroespacial" e "aérea".

O motivo que nos levou a distinguir as estratégias prende-se com o que se entende por "aeroespacial". Neste sentido, recorremos novamente à Infopédia[10] (ver figura 9).

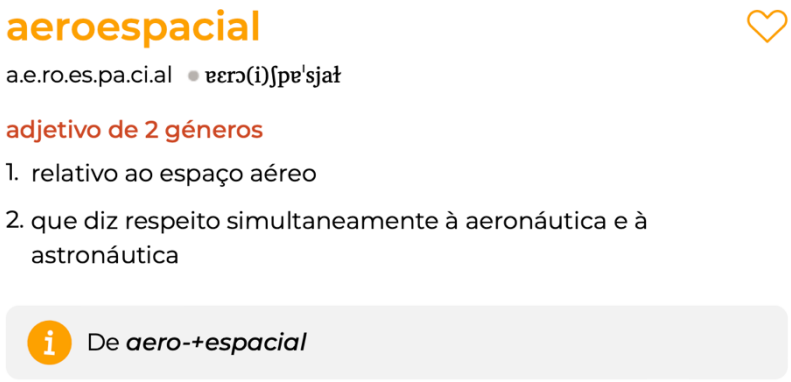


Figura 9: Aceções de aeroespacial segundo a Infopédia (n.a)

[10] Porto Editora. (n.a). "aeroespacial" no Dicionário Infopédia da Língua Potuguesa. [online]. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/aeroespacial. (Consultado a 16 de abril de 2023).

A figura 9 apresenta as aceções propostas pela Infopédia para o adjetivo aeroespacial. Observando a aceção número 2, verifica-se que "aeroespacial" diz respeito em simultâneo à aeronáutica e à astronáutica. Por sua vez, "aéreo" é atribuído apenas à aeronáutica. A astronáutica diz respeito a operações/atividades fora da atmosfera terrestre, enquanto a aeronáutica se refere a operações/atividades dentro da atmosfera terrestre. Este facto justifica a nossa escolha de "estratégia militar aeroespacial" em vez de "estratégia militar aérea"[11].

Ao retomar a questão das subdivisões de estratégia identificámos um problema. Segundo o IUM (2020, p.129), existem três tipos de estratégias: a) estratégia aérea, b) estratégia marítima e c) estratégia militar. Sabendo que o termo "estratégia" pode ser o resultado de uma redução lexical de termos polilexicais, nem sempre é possível pela análise do contexto percebermos a que tipo de estratégia se estão a referir. Por outro lado, há contextos, em que "estratégia" é de facto usado como um termo genérico, sendo que intencionalmente os peritos poderão querer referir-se à estratégia, independentemente de ser aérea ou marítima.

A existência de uma redução dos termos polilexicais ao seu elemento nuclear "estratégia" levanta uma questão aos não-especialistas: a qual das estratégias é que os especialistas se referem nos seus discursos quando utilizam o elemento nuclear? Neste sentido, um dos nossos objetivos é perceber a que realidade se refere o termo "estratégia" quando este é o elemento base de um termo polilexical ("estratégia militar" ou "estratégia aérea").

As várias questões abordadas neste ponto do nosso trabalho poderão ser respondidas com a observação do seu uso em discurso. Essa observação só poderá ser feita a partir da análise de um *corpus*.

[11] Esta escolha será, futuramente, confirmada com os especialistas.

Capítulo 3 – Constituição dos *corpora*

3.1. Constituição dos *corpora*

Sendo que este projeto está ancorado na abordagem mista da terminologia, e tendo por base o texto escrito, a observação do uso que os peritos fazem dos termos dá relevo à dimensão linguística da terminologia. Neste sentido, a constituição de um *corpus* formado por textos escritos é indispensável para que se alcancem os objetivos deste trabalho. Porém, antes de passarmos à definição dos critérios para a constituição do nosso *corpus*, é considerado pertinente abordar o que se entende por *corpus*.

A noção de *corpus* é inicialmente introduzida por John Sinclair (1991).

> "A corpus is a collection, of naturally-occurring language text, chosen to characterize a state or variety of a language. In modern computational linguistics, a corpus typically contains many millions of words: this is because it is recognized that the creativity of natural language leads to such immense variety of expression that it is difficult to isolate the recurrent patterns that are the clues to the lexical structure of the language" (Sinclair, 1991, p.171).

Contudo, para este trabalho, temos como base a definição de *corpus* proposta por Mendes (2016, p. 271): "(...) conjunto de textos escritos (ou excertos de textos) ou de transcrições de registos orais, tipicamente em formato eletrónico". Por outras palavras, um *corpus* é constituído por um conjunto de textos, que podem ter como base a escrita e/ou a oralidade, selecionados de uma forma sistemática, seguindo critérios pré-estabelecidos, cujo formato deverá ser eletrónico.

A utilização do formato eletrónico prende-se com o facto de este precisar de ser legível por uma ferramenta eletrónica que o irá processar de modo semiautomático. O facto de este trabalho ser baseado num domínio, implica que o *corpus* a compilar seja um *corpus* de especialidade.

Não sermos especialistas do domínio do trabalho leva a que tenhamos como ponto de partida a leitura e interpretação dos textos que emanam de organizações especializadas e, consequentemente, redigidos por especialistas. No entanto, ter apenas os textos como base pode induzir o terminólogo em erro. Segundo Costa, em contexto de aula, o texto não contém todas as informações necessárias, visto que os especialistas usam um discurso adequado ao seu contexto profissional utilizando, muitas vezes, expressões que apenas especialistas do ramo conseguem entender. Contudo, só a partir dos textos é que podemos observar o uso dos termos do domínio partilhados pelos especialistas.

Para este trabalho, foram constituídos dois *corpora*: um *corpus* textual e um *corpus* lexicográfico, este último constituído por um glossário. Enquanto artigos e revistas especializadas, teses e livros técnicos são produzidos com o intuito de serem lidos, um glossário é um objeto de referência e é produzido para ser apenas consultado, quando necessário.

3.1.1. Critérios para a seleção dos textos

Para a constituição do nosso *corpus* textual, realizámos um levantamento de textos de especialidade, em formato escrito e eletrónico, monolingues (português europeu) que se inserem nos discursos de especialidade do subdomínio da estratégia. O levantamento dos textos teve em consideração os requisitos inframencionados, necessários para os textos serem considerados elegíveis:

- Fiabilidade das fontes (por quem foram produzidos?):
  - Especialista reconhecido pela comunidade especializada onde se insere
  - Reconhecimento da instituição à qual pertence(m) o(s) autor(es)

- Tipologia de textos:
  - Artigos científicos
  - Livros técnicos
  - Revistas especializadas
  - Teses

- Pertinência do conteúdo textual:
  - Domínio: ciências militares
  - Subdomínio: estratégia

- Janela temporal (textos que tenham sido publicados nos últimos quinze anos):
  - A escolha dos últimos quinze anos prende-se com o facto de estarmos a proceder à atualização da definição do conceito <Estratégia militar>.

Para além do *corpus* textual também constituímos, tal como já referido, um *corpus* lexicográfico que é constituído por um só glossário. No entanto, este não foi processado semiautomaticamente, mas foi consultado para resolver dúvidas.

3.1.2. Fontes dos textos

O acesso e recolha dos textos de especialidade não foi uma tarefa de fácil execução. Em primeiro lugar, alguns textos escritos disponibilizados online estão protegidos justificado, talvez, pelo contexto do domínio ser de âmbito sensível e, muitas vezes, classificado. Em segundo lugar, existe uma escassez de textos escritos que se encontrem disponibilizados *online*, talvez, uma vez mais, justificado pelo contexto específico do domínio do nosso trabalho.

Com o início da recolha dos textos escritos conseguimos obter os mais variados resultados. No entanto, nem todas as fontes foram consideradas como sendo fidedignas. O facto de os textos terem de ser considerados como textos de especialidade, a grande maioria dos mesmos foi recolhida no Instituto Universitário Militar e da Revista Militar, ambos devidamente credenciados e reconhecidos pela comunidade científica militar. Porém, outras fontes, também elas cientificamente credenciadas, foram consideradas. As fontes utilizadas para o acesso e recolha dos textos foram as seguintes:

IDN – Instituto de Defesa Nacional[12]

IUM – Instituto Universitário Militar[13]

Universidade Lusíada – Repositório das Universidades Lusíadas[14]

RCAAP – Repositórios Científicos de Acesso Aberto de Portugal[15]

RDPC-EU – Repositório Digital de Publicações Científicas da Universidade de Évora[16]

Revista Militar[17]

[12] https://www.idn.gov.pt/pt.
[13] https://www.ium.pt/reslist.
[14] http://repositorio.ulusiada.pt.
[15] https://www.rcaap.pt.
[16] http://dspace.uevora.pt/rdpc/.
[17] https://www.revistamilitar.pt/index.

Repositório ULisboa – Repositório Institucional da Universidade de Lisboa[18]

RUN – Repositório da Universidade NOVA de Lisboa[19]

Veritati – Repositório Institucional da Universidade Católica Portuguesa[20]

3.1.3. Tipos de textos recolhidos

Nesta secção analisamos os tipos de texto que compõem os *corpora* constituídos – textual e lexicográfico – para o presente trabalho.

O *corpus* textual é constituído por quarenta e seis textos de especialidade, todos de caráter técnico-científico. Quanto aos tipos de texto, existem quatro: a) livros técnicos, b) teses, c) artigos científicos e d) revistas especializadas. É importante referir que as revistas especializadas selecionadas contêm mais do que um artigo. Contudo, devido ao facto de terem sido processadas como um único documento em formato PDF, para efeitos de contagem, contabilizamos a revista especializada como um único documento.

Quando colocamos em percentagem (ver gráfico 1), percebemos que, em relação ao tipo, 46% dos textos correspondem a teses, 43% a artigos científicos, enquanto os livros técnicos e as revistas especializadas são minoritários com 7% e 4%, respetivamente.

[18] https://repositorio.ul.pt.
[19] https://run.unl.pt.
[20] https://repositorio.ucp.pt.

Gráfico 1: Tipos de textos

Em relação ao *corpus* lexicográfico, o único elemento que nele consta é um glossário de termos militares publicado em 2020[21] pelo IUM.

Após a seleção dos textos elegíveis para a constituição dos *corpora*, procedemos à sua compilação. No entanto, tal como referido, só procedemos ao tratamento semiautomático do *corpus textual,* recorrendo a ferramentas disponibilizadas online.

3.2. Tratamento semiautomático do *corpus* textual

Para a compilação dos *corpora*, utilizámos as ferramentas AntConc[22] e SketchEngine[23]. Estas são ferramentas para análise de grandes quantidades de textos – *corpora* – através dos quais se podem observar os fenómenos mais comuns e frequentes que ocorrem nos textos, sejam estes de especialidade ou não. Com estas ferramentas foram compilados os textos de especialidade e procedeu-se ao tratamento semiautomático do *corpus* textual.

Consideramos relevante justificar a utilização de ambas das ferramentas, AntConc e SketchEngine. Numa primeira instância, processámos e analisámos o *corpus* textual recorrendo apenas ao SketchEngine. No entanto, foi detetado um erro nos dados brutos apresentados pela

[21] https://www.ium.pt/files/conteudos/260/Glossario_Termos_Militares_v-online.pdf.
[22] https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/.
[23] https://www.sketchengine.eu.

ferramenta. O erro consistia num número muito próximo entre *types* e *tokens* o que, na prática, seria um texto em que cada forma ocorria 1 a 3 vezes. Isto seria impossível quando consideramos as formas mais frequentes num texto como, por exemplo, "de" e "para".

Numa segunda instância, recorremos ao AntConc para processarmos o *corpus* textual de modo a fazermos um confronto de resultados entre o AntConc e o SketchEngine. Com este segundo processamento, efetivamente, tivemos a confirmação de que os dados apresentados pelo SketchEngine não estavam corretos.

Para efeitos de comparação, a tabela 1 reflete os dados apresentados pelo SketchEngine e os dados apresentados pelo AntConc. Através da tabela 1, podemos verificar a discrepância entre *types* e *tokens*, que são apresentados nas ferramentas utilizadas para a compilação e processamento dos *corpora*.

Ferramenta	***Types – tokens* (textual)**
SketchEngine	1 080 480 – 1 331 969
AntConc	55 328 – 1 119 296

Tabela 1: Comparação dos dados (AntConc vs. SketchEngine)

Em números brutos, o *corpus* textual é constituído por 46 textos, 55,328 *types* e 1,119,296 *tokens* (ver figura 10). Considera-se importante esclarecer a diferença entre *types* e *tokens*. *Types* designam o número de unidades que ocorrem num determinado *corpus*, não contando as repetições das mesmas. Os *tokens* referem-se ao número total de unidades, incluindo as suas repetições.

Cateogry	Description
full_name	temp
short_name	temp
file_count	46
token_count	1119296
type_count	55328

Figura 10: Dados brutos do corpus textual obtidos com o AntConc

3.2.1. Frequência

Com os dados brutos identificados, passámos à análise detalhada dos mesmos, desta vez, com recurso à ferramenta SketchEngine.

A tabela 2 reflete as vinte formas nominais monolexicais mais frequentes no *corpus* textual. A informação presente na tabela foi obtida através da funcionalidade "wordlist" (lista de palavras) e com a aplicação do filtro "noun" (nome). Esta funcionalidade com a aplicação do filtro dá-nos uma lista, por ordem decrescente, das formas nominais monolexicais mais frequentes, indicando a sua frequência e a frequência por cada milhão de palavras.

De acordo com a tabela 2, retivemos as quatro formas nominais simples mais frequentes, por ordem decrescente de frequência, são "estratégia", "defesa", "guerra", e "segurança", como se pode verificar na tabela 2, a negrito.

Formas (nomes)	Frequência	Frequência por milhão
estratégia	6,285	4,718.88
defesa	4,237	3,181.00
guerra	3,638	2,731.29
segurança	3,203	2,404.71
força	2,918	2,190.74
ação	2,878	2,160.71
forma	2,417	1,814.61
objetivo	2,167	1,626.91
capacidade	2,015	1,512.80
país	1,807	1,356.64
nível	1,744	1,309.34
operação	1,718	1,289.82
estado	1,686	1,265.80
missão	1,670	1,253.78
política	1,664	1,249.28
meio	1,520	1,141.17
organização	1,479	1,110.39
relação	1,456	1,093.12
união	1,454	1,091.62
conceito	1,425	1,069.84

Tabela 2: Formas nominais mais frequentes no corpus textual

3.2.2. Concordância e *N-grams*

Uma concordância é uma lista que nos permite analisar os padrões morfolexicais de unidades polilexicais num determinado *corpus*.

Numa concordância, cada forma é apresentada por ordem cronológica, seguida de todas as suas ocorrências, tendo em consideração as formas que ocorrem antes e depois. Esta forma é também conhecida por KWIC (*Key Word In Context*).

Procedemos à verificação das concordâncias das formas que foram incluídas na tabela 2. O objetivo das concordâncias das formas nominais da tabela é verificar se são ou não relevantes para o domínio, para que possamos proceder ao levantamento de candidatos a termo.

Para analisarmos os usos das formas nominais da tabela, procedemos a uma verificação preliminar para detetar aquelas que não se assumem como formas nominais de relevo para o domínio. Em relação ao *corpus* textual (ver tabela 2) excluímos "forma", "país", "nível", "estado", "política", "organização", "relação", "união" e "conceito". Esta exclusão deve-se ao facto de as concordâncias destas formas nominais não apresentarem nenhum uso que seja específico no domínio do nosso trabalho.

Apesar de realizarmos as concordâncias a todas as formas nominais da tabela, devido ao elevado número de extrações, não é possível apresentar o resultado de todas as concordâncias. A título de exemplo, utilizamos a figura 11 para se observarem os resultados que obtivemos através da funcionalidade supramencionada.

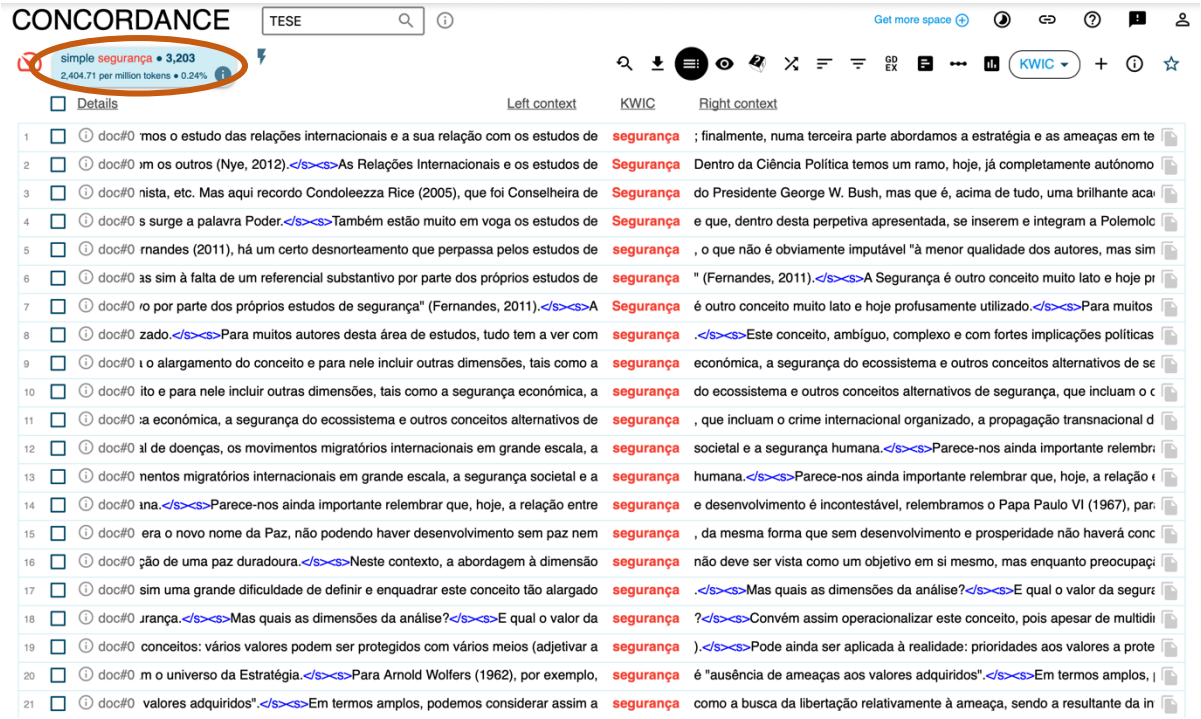


Figura 11: Exemplo de resultados da concordância de "segurança"

A forma “segurança”, por ser a KWIC, aparece destacada. A ferramenta utilizada apresenta o contexto em que a forma surge ao apresentar um número pré-definido de palavras que ocorrem antes e depois da forma selecionada. Em segundo lugar, como está destacado no canto superior esquerdo, podemos verificar que, através de uma pesquisa simples, a forma “segurança” ocorre 3,203 vezes, um número já presente na tabela 2.

Porém, seria uma tarefa difícil analisarmos manualmente todas as formas que coocorrem com “segurança” e todas as outras formas analisadas. Neste sentido, recorremos à funcionalidade “*N-grams*”, utilizando os filtros “*N-gram length 2-4*”. Por outras palavras, a utilização do filtro apresenta todas as formas compostas por duas, três ou quatro unidades lexicais, tendo como ponto de partida a KWIC, ordenadas por ordem decrescente de frequência. A escolha do intervalo 2-4 prende-se, sobretudo, com o facto de considerarmos que será pouco provável ocorrerem candidatos a termo com mais de quatro constituintes.

Novamente, a título de exemplo, utilizamos a figura 12 para se observar os resultados que obtivemos através da aplicação da funcionalidade e do filtro supramencionados.

N-GRAMS TESE

Get more space

2–4-grams, word (lowercase) (items: 887 , total frequency: 13,734)

	N-gram	Frequency	Frequency per million
1	de segurança	1,511	1,134.41
2	segurança e	726	545.06
3	a segurança	616	462.47
4	de segurança e	437	328.09
5	segurança e defesa	398	298.81
6	da segurança	326	244.75
7	de segurança e defesa	258	193.70
8	e segurança	186	139.64
9	segurança nacional	175	131.38
10	à segurança	131	98.35
11	para a segurança	126	94.60
12	segurança energética	107	80.33
13	e a segurança	104	78.08
14	segurança da	102	76.58
15	segurança e civil	101	75.83
16	de segurança e civil	99	74.33
17	a segurança e	98	73.58
18	e de segurança	97	72.82
19	segurança internacional	96	72.07

	N-gram	Frequency	Frequency per million
26	europeia de segurança	70	52.55
27	documentos estratégicos de segurança	66	49.55
28	estratégicos de segurança e	66	49.55
29	estratégicos de segurança	66	49.55
30	de segurança nacional	66	49.55
31	política de segurança	66	49.55
32	conceito de segurança	58	43.54
33	defesa e segurança	57	42.79
34	segurança dos	57	42.79
35	segurança das	56	42.04
36	da segurança e defesa	54	40.54
37	estratégia de segurança	53	39.79
38	segurança de	53	39.79
39	a segurança nacional	52	39.04
40	segurança do	49	36.79
41	de segurança da	48	36.04
42	sua segurança	47	35.29
43	a segurança energética	46	34.54
44	estudos de segurança	46	34.54

Figura 12: Exemplo de resultados de N-grams de "segurança"

Observando a figura 12, verificamos que a maioria dos resultados não são relevantes para o nosso trabalho como, por exemplo, as *N-grams* 1 a 8, 10, 11, 16, 17, entre outras. Os resultados apresentados na figura 12, como "segurança nacional", "segurança energética", "segurança internacional" e "estratégia de segurança", numa primeira instância, aparentam ser formas relevantes dentro do nosso domínio.

Foi através da aplicação das funcionalidades descritas a todas as formas nominais presentes na tabela 2 que obtivemos resultados sólidos para procedermos ao levantamento das formas candidatas a termo.

3.3. Seleção das formas candidatas a termo

3.3.1. Critérios de exclusão

Os resultados mencionados no ponto anterior deram-nos um número de formas polilexicais que aparentam ser de relevo. Todas as formas que não estejam relacionadas com o conceito <Estratégia militar> foram imediatamente excluídas, independentemente da sua frequência.

A título de exemplo, a tabela 3 contempla algumas das formas candidatas a termo que foram excluídas.

FORMA	FREQUÊNCIA
ação empresarial	4
ação política	33
ciência política	23
estratégia empresarial	73
estratégia política	9
missão civil	18
operação civil	6

Tabela 3: Exemplo de unidades lexicais excluídas

Passamos agora à justificação da exclusão destas formas. Relembrando que o domínio são as ciências militares, logo, as formas "ação empresarial", "ação política", "ciência política", "estratégia empresarial" e "estratégia política" são excluídas devido à sua provável pertença aos domínios empresarial e político. Por outras palavras, como não pertencem ao nosso domínio, são excluídas.

Nas formas "missão civil" e "operação civil", o uso do adjetivo "civil" leva-nos a deduzir que são formas que saem da esfera militar. Esta dedução é comprovada através do Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa que define civil como "que não tem carácter militar"[24].

Após a análise das *N-grams* e concordâncias de todas as formas nominais anteriormente referidas, obtivemos uma lista de formas candidatas a termo. Foi a partir desta lista que começámos a análise das unidades lexicais candidatas a termo. A análise decorre da necessidade de se observar a relação dos termos no que diz respeito ao discurso de especialidade, para, num outro momento, procedermos à organização dos conceitos designados pelos termos que compõem a lista.

[24] Academia das Ciências de Lisboa (n.a). "civil (3)" no Dicionário da Língua Portuguesa. [online]. Disponível em https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=civil. (Consultado a 20 maio de 2023).

Capítulo 4 – Dados terminológicos

4.1. Análise e descrição dos dados terminológicos

4.1.1. Candidatos a termo

Os candidatos a termo identificados no *corpus* textual serão analisados neste capítulo. Segundo Silva (2014), o terminólogo pode, eventualmente, selecionar os candidatos a termo tendo por base o "conhecimento que este detém sobre o funcionamento do sistema da língua, e na sua capacidade em distinguir unidades linguísticas de especialidade de entre os outros elementos da língua" (Silva, 2014, p.114). Assim sendo, a frequência dos candidatos a termo e o seu contexto levam-nos a assumir que as unidades lexicais selecionadas possam, efetivamente, ser designações de conceitos que pertencem ao domínio das ciências militares, mais precisamente ao subdomínio da estratégia. O conteúdo apresentado na tabela 4 foi obtido com recurso ao SketchEngine. Na tabela, cada candidato a termo é acompanhado pela sua frequência.

***Corpus* textual**	**Frequência**
estratégia de defesa nacional	112
estratégia de defesa militar	57
estratégia defensiva	11
estratégia defensiva-ofensiva	3
estratégia indirecta	17
estratégia marítima	15
estratégia militar	1,231
estratégia militar aérea	89
estratégia militar terrestre	177
estratégia naval	58

estratégia operacional	51
estratégia político-militar	6
força militar	118
meio aéreo	4
meio militar	8
objetivo estratégico	10
objetivo estratégico intermédio	2
segurança marítima	61
segurança militar	30

Tabela 4: Candidatos a termo

Na tabela 4 encontramos dezanove candidatos a termo. Os principais objetivos deste capítulo são analisar a estrutura morfolexical dos candidatos a termo e analisar os contextos em que ocorrem. Contudo, devido aos limites de extensão do presente trabalho, não podemos realizar a análise de todos os candidatos a termo, por isso, selecionámos cinco termos polilexicais em que a forma base é "estratégia" (ver tabela 5). Procedemos à análise de três contextos para cada uma das ocorrências, utilizando a ferramenta AntConc.

Candidatos a termo	**Frequência**
estratégia de defesa *nacional*	112
estratégia de defesa *militar*	57
estratégia *naval*	58
estratégia *militar aérea*	89
estratégia *militar*	1231

Tabela 5: Candidatos a termo selecionados para a análise dos contextos

4.1.2. Estrutura morfolexical dos candidatos a termo

Na dimensão linguística da terminologia, a estrutura morfolexical dos candidatos a termo é um ponto de interesse. Os candidatos a termo polilexicais da tabela 5 foram selecionados por todos conterem na sua formação adjetivos, assinalados a itálico. O uso frequente de adjetivos levou-nos a questionar qual o papel que os diversos adjetivos desempenham na constituição dos termos polilexicais identificados. Os adjetivos "nacional" e "militar", presentes, respetivamente, em "estratégia de defesa nacional" e "estratégia de defesa militar" desempenham a mesma função?

O adjetivo "naval", presente em "estratégia naval", também nos despertou a atenção. No glossário do IUM (2020) apenas ocorre o termo "estratégia marítima", mas não ocorre o termo "estratégia naval". A questão que nos colocamos é saber se estes dois termos designam o mesmo conceito, podendo neste caso serem considerados sinónimos ou se designam conceitos distintos.

No caso dos termos "estratégia militar aérea" e "estratégia aérea", julgamos estar perante uma elipse lexical, dado que o adjetivo "militar" é omitido num contexto de especialidade das ciências militares. Se assim for, estamos perante duas variantes uma da outra.

Consideramos importante, num primeiro momento, recordar o que se entende por adjetivo, para, num segundo momento, podermos analisar o comportamento dos adjetivos supramencionados em contexto. Neste sentido, adotamos a definição de adjetivo proposta por Rio-Torto (2006):

> "O adjectivo é uma classe de palavras de natureza essencialmente gregária, adjuntiva, no sentido em que tem de estar associado a um Nome (1) ou a um Verbo, no caso necessariamente predicativo (2). Só nestas condições, não cumulativas, a classe lexical pode ser sintacticamente categorizada como adjectival" (Rio-Torto, 2006, p.104).

Os adjetivos têm diversas subclasses, porém, não sendo todas as subclasses dos adjetivos do nosso interesse, apresentamos apenas duas (Rio-Torto, 2006, pp.103-104), e as suas respetivas definições:

- adjetivos qualificativos:

> "Os adjectivos qualificativos são tipicamente adjectivos de estrutura morfológica simples, com função qualificativa ou modificadora da intensão do N a que se acoplam. Exprimem propriedades, qualidades, modos de ser, estados das entidades denotadas pelos nomes a que se associam" (Rio-Torto, 2006, p.124).

- adjetivos relacionais:

> "Não formam uma classe homogénea os adjectivos denominados de relacionais, porque diversas são as concepções de relacional disponíveis. Em todo o caso, trata-se de adjectivos de estrutura morfológica derivada, e preferencialmente denominais" (Rio-Torto, 2006, p.121).

De acordo com Brito e Raposo, duas das autoras da Gramática publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian *Gramática do Português Volume I* (2013, p.1087), "(...) a função dos adjetivos qualificativos consiste precisamente em atribuir propriedades aos nomes, nas várias dimensões em que o seu sentido se organiza (...)". Ou seja, os adjetivos qualificativos atribuem características e/ou qualidades ao substantivo a que se agregam.

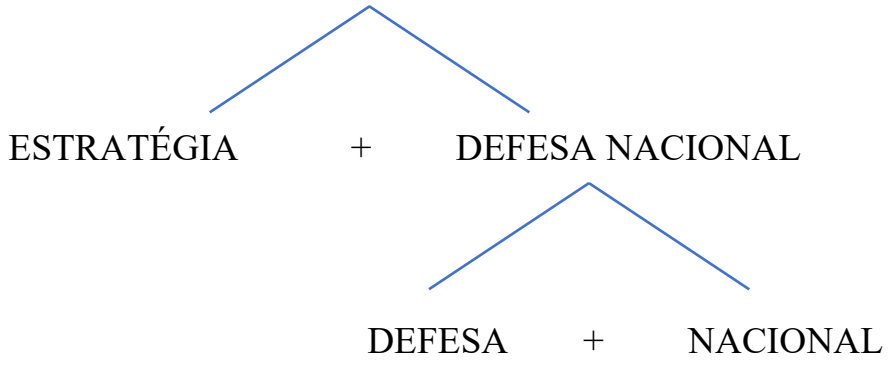
Em relação aos adjetivos relacionais, consideramos a seguinte definição proposta por Cunha e Cintra:

> "(...) derivados de substantivos, são de natureza classificatória, ou seja, precisam o conceito expresso pelo substantivo, restringindo-lhe, pois, a extensão do significado. Não admitem graus de intensidade e vêm normalmente pospostos ao substantivo" (Cunha e Cintra, 1984, pp.247-248).

Por outras palavras, os adjetivos relacionais, derivados de nomes, assumem-se como adjetivos denominais cuja função é a de classificar o substantivo a que se agrega, podendo estes adjetivos dar conta, por exemplo, de posse, de origem e de nacionalidade.

No termo polilexical "estratégia de defesa nacional", o adjetivo denominal "nacional" retém a nossa atenção. Para os fins que nos motiva, a saber, estabelecer uma relação entre a informação veiculada pelo adjetivo e as características do conceito, propomos a seguinte representação do termo:

[[ESTRATÉGIA]$_{N=termo}$ DE [[DEFESA]$_{N}$ [NACIONAL]$_{adj.}$]$_{termo}$]$_{termo}$



Esquema 1: Divisão dos constituintes de "estratégia de defesa nacional"

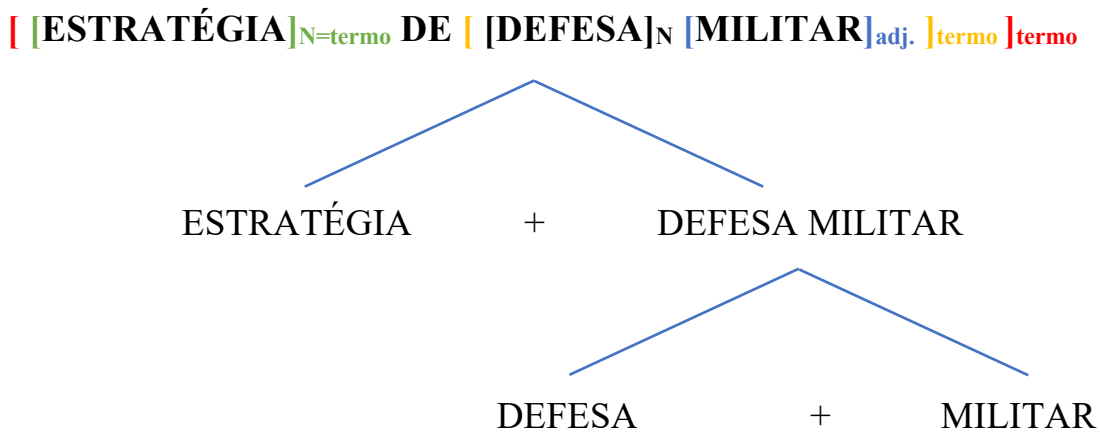
No esquema 1, verificamos a existência da combinatória de dois termos, um monolexical – "estratégia" –, e outro polilexical – "defesa nacional". Sabemos que "defesa nacional" é um termo porque consta do glossário de termos militares do IUM e é definido como:

> "[a] atividade desenvolvida pelo Estado e pelos cidadãos no sentido de garantir, no respeito da ordem constitucional, das instituições democráticas e das convenções internacionais, a independência nacional, a integridade do território e a liberdade e a segurança das populações contra qualquer agressão ou ameaça externas" (IUM, 2020, p.101).

Com a definição apresentada pelo IUM para o conceito <Defesa nacional>, fica comprovado que "defesa nacional" é um termo que é associado ao termo "estratégia" formando, deste mesmo modo, o termo polilexical "estratégia de defesa nacional".

O adjetivo "nacional", tal como referido anteriormente, é denominal, dado que deriva do substantivo "nação", o qual sofreu um processo de derivação sufixal com a junção do afixo "*-al*". Sendo um adjetivo relacional, podemos parafrasear o termo, dizendo que "estratégia de defesa nacional" é uma estratégia cujo objetivo é a defesa da nação.

Em relação ao termo polilexical "estratégia de defesa militar" propomos a seguinte representação:



Esquema 2: Divisão dos constituintes de "estratégia de defesa militar"

Com o esquema 2 conseguimos observar quais são os constituintes do termo polilexical em análise. Este termo é constituído por dois termos, um monolexical "estratégia", o outro polilexical "defesa militar".

Passando agora à análise do adjetivo "militar", verifica-se que este adjetivo atribui uma característica ao termo "defesa". Neste sentido, o adjetivo tem um comportamento qualificativo.

Assim, com base no esquema 2, podemos afirmar que "militar" é um adjetivo que qualifica a defesa: "que está relacionado com as forças armadas, com a sua organização ou as suas atividades"[25].

Por este motivo, concluímos que a "estratégia de defesa militar" é uma estratégia que incide na defesa que é militar. Todas as atividades – estudar e planear – que caracterizam a estratégia são pensadas e elaboradas para a efetivação da defesa recorrendo às forças armadas.

À semelhança do termo "estratégia de defesa nacional", o termo "estratégia de defesa militar" é formada por dois termos, um monolexical "estratégia" e outro polilexical "defesa militar" que, quando combinados, formam o termo "estratégia de defesa militar".

Sabemos que "defesa militar" é um termo porque é abordado ao longo da obra de Ribeiro (2020) e, de acordo com o autor, refere-se ao conjunto de medidas adotadas por um

[25] Academia das Ciências de Lisboa (n.a). "militar (3)" no Dicionário da Língua Portuguesa. [online]. Disponível em https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=militar. (Consultado a 7 de maio de 2023).

Estado de modo a garantir a proteção da sua soberania e território face a ameaças externas e/ou ataques de âmbito militar.

O termo "estratégia de defesa militar" é definido por Ribeiro (2010) como sendo:

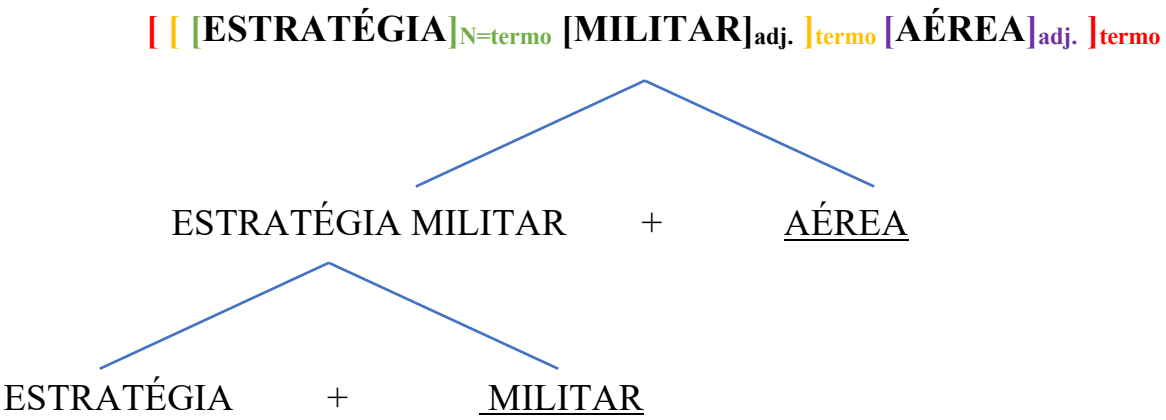
> "(...) [a] actividade pública na preparação e no emprego das Forças Armadas, nas acções destinadas a materializar os objetivos estratégicos de defesa militar, superando os problemas que a isso se anteponham e explorando as eventualidades que a isso favoreçam" (Ribeiro, 2010, p.17).

Com esta análise dos adjetivos, conseguimos responder à questão relativa ao comportamento dos adjetivos. Os adjetivos "nacional" e "militar" não pertencem à mesma subclasse, dado que o primeiro é relacional e o segundo é qualificativo. Consideramos relevante construir uma tabela (ver tabela 6) que nos ajude a sintetizar esta informação.

Termo	Adjetivo	Subclasse	Função
"estratégia de defesa nacional"	nacional	Adjetivo relacional	restringir a extensão do significado de "defesa"
"estratégia de defesa militar"	militar	Adjetivo qualificativo	atribui uma característica a "defesa"

Tabela 6: Síntese dos adjetivos

No esquema 3 representamos o termo polilexical “estratégia militar aérea”.



Esquema 3: Divisão dos constituintes de "estratégia militar aérea"

Neste exemplo, provavelmente, há uma elipse do substantivo “defesa”. De facto, o termo poderá ser “estratégia de *defesa* militar aérea”. Segundo Matos, uma das autoras da Gramática publicada pela Fundação Calouste Gulbenkian *Gramática do Português Volume II* (2013 b), a elipse é definida como:

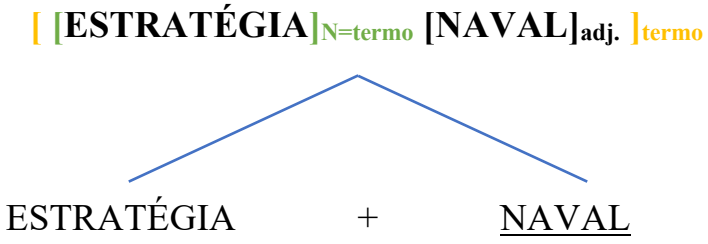
> “Frequentemente, omite-se material linguístico sem que essa omissão obste à transmissão integral dos conteúdos. Essa omissão chama-se **elipse** quando é semanticamente recuperável de modo explícito a partir de expressões linguísticas que ocorrem no mesmo enunciado ou num enunciado anterior (ou seja, no contexto discursivo), ou a partir do contexto situacional em que se insere o enunciado” (Fundação Calouste Gulbenkian, 2013 b, p.2351).

Neste sentido, expectavelmente, por uma questão de economia da linguagem, os especialistas não verbalizam o substantivo “defesa” por ser uma informação manifestamente óbvia. Daí que a análise a fazer ao primeiro constituinte “estratégia militar” será a mesma que será feita ao termo “estratégia de defesa militar”. Por sua vez, o adjetivo “aérea” está a atribuir características a “estratégia militar”, indicando que as atividades estratégicas se concentram exclusivamente nas atividades que têm uma incidência no “aéreo”, que é relativa ao ar. O que corrobora a proposta do IUM em relação a “estratégia aérea”: “[a] parte da ciência militar

baseada no pensamento do emprego do poder aeroespacial para alcançar objetivos estratégicos, promovendo a ligação das operações aéreas aos efeitos a atingir" (IUM, 2020, p.129).

Assim, a utilização de cada adjetivo vem claramente restringir o sentido do termo ao qual estão associados. Por sua vez, em "estratégia aérea" o adjetivo "militar" é suprimido. Assim sendo, o termo a constar num futuro dicionário será "estratégia de defesa militar aérea", sendo que "estratégia militar aérea" e "estratégia aérea" poderão ser consideradas variantes discursivas para um mesmo termo.

O esquema seguinte representa a nossa proposta de representação do termo polilexical "estratégia naval".



Esquema 4: Divisão dos constituintes de "estratégia naval"

À semelhança do termo "estratégia militar aérea", provavelmente, estamos perante uma elipse de dois substantivos "defesa" e "militar", dado que o termo "estratégia naval", na sua extensão, poderá ser "estratégia de *defesa militar* naval". Assim, novamente justificado por uma economia da linguagem, os especialistas não verbalizam "defesa" nem "militar", por ser, mais uma vez, uma informação óbvia para os mesmos.

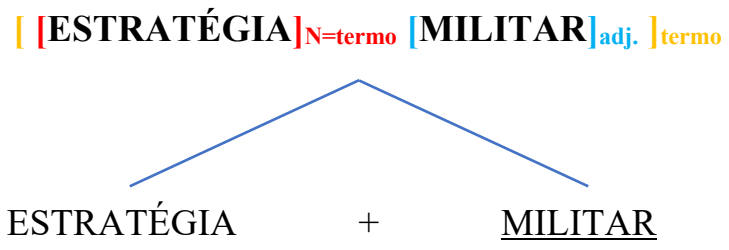
O adjetivo "naval" está a atribuir características a "estratégia", afirmando que as atividades estratégicas estão relacionadas exclusivamente com atividades desenvolvidas com incidência em "naval", que "é relativo aos navios ou à navegação"[26], por outras palavras, relativo ao mar.

Deste modo, a utilização do adjetivo atribui características ao substantivo, restringindo o seu significado. Assim, num futuro dicionário, o termo a incluir será

[26] Academia das Ciências de Lisboa (n.a). "naval (1)" no Dicionário da Língua Portuguesa. [online]. Disponível em https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=naval. (Consultado a 21 de maio de 2023).

“estratégia de defesa militar naval”, uma vez que “estratégia militar naval” e “estratégia naval” se assumem como variantes discursivas do mesmo termo.

No esquema 5 temos a representação do termo polilexical “estratégia militar”.



Esquema 5: Divisão dos constituintes de "estratégia militar"

O termo polilexical “estratégia militar” também poderá representar uma elipse, uma vez que se suprimiu o substantivo “defesa” e, na sua extensão, será “estratégia de *defesa* militar”, um termo anteriormente analisado. No entanto, em discurso, os especialistas optam por não verbalizar o substantivo “defesa”, novamente, por uma questão de economia da linguagem. No caso do adjetivo “militar”, já analisado, estamos perante um adjetivo qualificativo, dado que atribui uma característica a “estratégia”.

Neste sentido, os adjetivos “naval” e “militar” presentes em “estratégia naval” e “estratégia militar”, respetivamente, são adjetivos que se inserem na categoria de adjetivo qualificativo, dado que atribuem uma característica a “estratégia” e, consequentemente, restringem o seu significado.

Com a estrutura morfolexical analisada, podemos avançar para a análise dos contextos dos candidatos a termo selecionados.

4.1.3. Análise dos contextos

Através desta análise aos contextos, pretendemos também encontrar elementos linguísticos que representam características dos conceitos designados pelos termos selecionados para a análise de contextos. Antes de avançarmos, consideramos necessário o esclarecimento do que se entende por contexto. Neste sentido, adotamos a definição de contexto introduzida por Costa (2001).

> "O contexto linguístico, entendido como uma zona de extensão, permite alargar a informação conceptual, semântica e sintáctica da unidade de significação através da sua análise. O contexto linguístico, entendido como uma zona de restrição, define-se como uma zona de localidade, sendo que «[...] *un contexte n'est plus le contexte d'un mot, mais un passage du texte. Un mot peu certes servir à choisir un passage dans une recherche* [...]; *mais ensuite, c'est le passage qui devient l'unité étudiée*» (Rastier, 1998:99)" (Costa, 2001, p.70).

Por outras palavras, o contexto é a parte do texto em que uma unidade lexical em análise ocorre, permitindo um acesso aos seus coocorrentes diretos e indiretos. O contexto permite observar a unidade lexical em análise, sendo um veículo para identificar ambiguidades, imprecisões, relações semântico-lexicais entre termos, mas também combinatórias lexicais, tais como colocações e fraseologias.

Através desta análise aos contextos, pretendemos obter os dados necessários para propormos definições para os conceitos que são designados pelos termos selecionados.

Comecemos por observar, e analisar, os contextos em que surge o termo polilexical "estratégia de defesa nacional".

> *Contexto 1*: Encontra-se, por isso, subordinada ao Governo, ao qual compete conceber e dirigir superiormente a acção estratégica do Estado, ou seja, a **estratégia de defesa nacional** adequada à materialização da política de segurança nacional desejada.

Através do contexto 1, percebemos que a "estratégia de defesa nacional" está relacionada com a política de segurança nacional devido à expressão "adequada à materialização". A análise feita a este contexto permite inferir que "estratégia de defesa nacional" é uma estratégia que visa a segurança nacional. Esta informação será essencial para a redação da definição semiformal e em língua natural.

> *Contexto 2*: A **estratégia de defesa nacional** tem uma importante relação com a política de defesa nacional. Com efeito, em contraste com a natureza potencialmente mais fluida e mutante da política de defesa nacional, a **estratégia de defesa nacional** é informada pelas lições fundamentais aprendidas com o tempo, sobre como o poder nacional pode ser preparado e empregado com sucesso.

O contexto 2 revela-nos que há uma estreita relação entre a "estratégia de defesa nacional" e a "política de defesa nacional". Essa forte relação é comprovada pela sequência "tem uma importante relação". Ou seja, podemos afirmar que a "estratégia de defesa nacional" decorre da "política de defesa nacional".

> *Contexto 3:* Face ao exposto, poderá afirmar-se que a **estratégia de defesa nacional** é traduzida pelo resultado de uma reflexão simultânea e articulada sobre (Fig. 6): − «O quê?» os departamentos públicos farão – objectivos estratégicos de defesa nacional, explicitados na directiva governamental de defesa nacional; − «como?» farão – doutrina estratégica de defesa nacional, expressa no conceito estratégico de defesa nacional, nas missões das estratégias gerais e nos paradigmas de planeamento estratégico de defesa nacional.

O terceiro contexto dá-nos a indicação de que a "estratégia de defesa nacional" é produto de um planeamento que responde às perguntas "o quê" e "como". A primeira pergunta é relativa aos objetivos estratégicos da defesa nacional que estarão na base da "estratégia de defesa nacional". Com isto, podemos deduzir que a "estratégia de defesa nacional" tem objetivos estratégicos que lhe estão associados devido aos coocorrentes "farão – objetivos estratégicos". A segunda pergunta responde a "como farão". A "estratégia de defesa nacional" está presente, na teoria, no seu "conceito estratégico" e nos "paradigmas do seu planeamento estratégico" e, na prática, reflete-se nas "missões" atribuídas às "estratégias gerais" (*cf.* ponto 2.1.2).

Com estes dados obtidos através dos contextos, analisamos o termo "estratégia de defesa nacional" e identificamos os seguintes traços definitórios:

a) visa a segurança nacional
b) decorre da política de defesa nacional
c) tem objetivos estratégicos

Passamos agora à análise dos contextos do termo polilexical "estratégia de defesa militar".

Contexto 1: Como tal, uma boa **estratégia de defesa militar** é aquela que permite às Forças Armadas contribuir para que o país obtenha uma margem de segurança nacional confortável relativamente aos seus contendores e a um custo aceitável.

O contexto 1 indica-nos que este tipo de estratégia está diretamente relacionado com as forças armadas, daí a utilização do adjetivo "militar". Esta estratégia, à semelhança da estratégia de defesa nacional, visa a segurança nacional, ao recorrer às forças armadas.

Contexto 2: Tendo presente estes aspectos, bem como os processos de elaboração e escolha dos objectivos nacionais actuais, importa realçar que, nesta fase do processo de elaboração da **estratégia de defesa militar**, podem surgir como objectivos estratégicos de defesa militar, determinados objectivos aparentemente fora do campo da **estratégia de defesa militar**, mas que são ditados pelo seu papel de ciência informadora da política de defesa nacional.

O segundo contexto transmite-nos que podem existir objetivos estratégicos que estão diretamente associados à estratégia militar: a "estratégia de defesa militar" também tem objetivos estratégicos. Também se verifica que "estratégia de defesa militar" tem um papel de informação em relação à política de defesa nacional.

Contexto 3: Nestas circunstâncias, como a **estratégia de defesa militar** tem um campo mais restrito que a política de defesa nacional, os objectivos estratégicos de defesa militar são apenas uma parte muito pequena dos objectivos estratégicos de defesa nacional.

O último contexto demonstra que os objetivos estratégicos associados à estratégia de defesa militar "são apenas uma parte" dos objetivos estratégicos de defesa nacional. Por outras palavras, existe uma relação de meronímia: os objetivos estratégicos de defesa nacional são o todo, enquanto os objetivos de defesa militar são uma parte.

Com estes dados, também podemos identificar os traços definitórios de "estratégia de defesa militar":

a) recorre às forças armadas
b) tem objetivos estratégicos de defesa militar

c) objetivos estratégicos de defesa militar são parte dos objetivos estratégicos de defesa nacional
d) visa a segurança nacional

Em seguida, procedemos à análise dos contextos do termo "estratégia naval", cujo objetivo é saber se este termo é, ou não, sinónimo de "estratégia marítima".

> *Contexto 1*: A estratégia geral psicológica engloba a estratégia de propaganda, a estratégia de contrapropaganda e a estratégia de informação pública; a estratégia geral política engloba a estratégia política interna e a estratégia diplomática; a estratégia geral económica engloba a estratégia de produção, a estratégia financeira e a estratégia de comércio externo; a estratégia geral militar engloba a estratégia terrestre, a estratégia aeroespacial e a **estratégia naval**.

O contexto 1 vem corroborar a definição de estratégia proposta por Ferreira et. al (2018) presente no ponto 2.1.2 do presente trabalho. Em primeiro lugar, a unidade lexical "estratégia geral" é repetida quatro vezes, sendo que em cada ocorrência é acrescentado um adjetivo qualificativo como é o caso de "psicológica", "política", "económica" e "militar". Por outras palavras, os adjetivos são utilizados para delimitarem o conceito designado pelo termo "estratégia geral", restringindo o seu sentido. Deste modo podemos dizer que as unidades polilexicais com o adjetivo incluído são tipos de estratégia geral.

Em segundo lugar, o marcador[27] "engloba", que designa uma relação lexical, define a existência de estratégias particulares subordinadas às gerais como, por exemplo, e dentro da estratégia militar, a estratégia terrestre, a estratégia aeroespacial e a estratégia naval (*cf.* ponto 2.1.2). O facto de a cada tipo de estratégia particular corresponder um ramo das forças armadas, podemos afirmar que a estratégia terrestre diz respeito ao exército, a estratégia aeroespacial diz respeito à força aérea e a estratégia naval é relativa à marinha.

> *Contexto 2*: Beaufre aponta que este esquema apenas pode ser aplicado ao meio terrestre, o que em parte vai de encontro com o pensamento de outros autores, pois de facto quando o meio naval ou o meio aéreo combatem entre si é a destruição física o objetivo principal (Bellintani & Bellintani, 2014), no entanto, constata-se um ponto

[27] Os marcadores serão abordados no capítulo 5.

fraco neste capítulo ao não considerar a interligação entre os meios, isto é, a forma como a **estratégia naval** e aérea podem afetar o fator psicológico das forças terrestres.

No segundo contexto conseguimos obter a informação de que a cada estratégia está associado um meio através das unidades lexicais "meio naval" e "meio aéreo". Existem os meios terrestre, naval e aéreo associados às estratégias terrestre, naval e aérea, respetivamente. Através deste contexto, sobretudo a partir do marcador "podem afetar", verificamos que há uma relação de ordem psicológica ("fator psicológico") entre as estratégias naval e aérea e as forças terrestres, subordinadas à estratégia terrestre.

Contexto 3: A UE não tem uma **estratégia naval**, no entanto, existem alguns documentos dos quais se podem retirar objectivos estratégicos navais e as principais ameaças consideradas na UE.

O último contexto vem acrescentar que à estratégia naval estão subordinados objetivos estratégicos navais. Por outras palavras, a estratégia naval é desenvolvida de forma a alcançar objetivos estratégicos, mas também é desenvolvida tendo em conta "ameaças".

Relembrando as divisões de estratégia propostas por Ferreira et al. (2018, p.259) e pelo IUM (2020, p.129). Ferreira et al (2018, p.259) contemplam o termo "estratégia naval", enquanto o IUM (2020, p.129) contempla o termo "estratégia marítima". Tanto o facto de o termo "estratégia naval" aparecer associado às restantes estratégias particulares que se inserem na estratégia geral militar (verificado no contexto 1), assim como a associação entre este tipo de estratégia a objetivos estratégicos navais e a meios navais (observado no contexto 3) revelam que, efetivamente, "estratégia naval" e "estratégia marítima" podem ser sinónimos. Neste sentido, podemos dar resposta a uma das questões colocadas anteriormente: entre os termos "estratégia marítima" e "estratégia naval" existe uma relação de sinonímia, análise a confirmar futuramente com os peritos.

Com estes dados podemos inferir que "estratégia marítima":

a) é um tipo de estratégia militar
b) recorre à marinha
c) visa alcançar objetivos estratégicos

Passamos à análise do termo "estratégia militar aérea".

Contexto 1: A **estratégia militar aérea** é uma das estratégias particulares que está subordinada à estratégia militar (geral). Esta estratégia diz respeito às múltiplas ações e atividades necessárias, à preparação e ao emprego do poder aéreo (PA), para alcançar objetivos estratégicos militares da componente aérea.

O contexto 1 começa por nos revelar uma hierarquia lexical, expressa pelo marcador "é uma das", "estratégia militar aérea" é um tipo de estratégia particular que está "subordinada à estratégia militar (geral)". Podemos deduzir que as estratégias particulares são tipos de estratégias mais específicas. Em segundo lugar, este contexto revela-nos que a "estratégia militar aérea" se refere ao poder aéreo e à forma como este deve ser preparado e empregado – "preparação e ao emprego do poder aéreo" –, para que os objetivos estratégicos militares associados à força aérea sejam alcançados com sucesso, corroborado pelos coocorrentes "para alcançar".

Esclarecendo o que se entende por "poder aéreo", adotamos a definição proposta pelo IUM (2020, p.232): "[a] capacidade de projetar e empregar força militar pelo ar ou espaço através ou a partir de uma plataforma aérea ou míssil a operar acima da superfície terrestre".

Contexto 2: Relativamente ao poder militar, pode-se afirmar que lhe estão associados os poderes de cada componente (aérea, marítima, terrestre e espacial), que pelas suas especificidades têm uma estratégia própria. No caso da componente aérea, trata-se da **estratégia militar aérea**.

Através do contexto 2, a sequência "poderes de cada componente" indica que a cada ramo das forças armadas está subjacente um poder como, por exemplo, poder aéreo, analisado no contexto anterior, poder marítimo e poder terrestre. A cada um desses ramos das forças armadas está subjacente uma estratégia específica, facto que se pode verificar através da sequência "têm uma estratégia própria", que é justificada pela especificidade de "cada componente". A estratégia associada à componente aérea é a estratégia militar aérea.

Contexto 3: A **estratégia militar aérea**, subordinada à estratégia militar, procura a preparação e o emprego do poder aéreo, através das suas atividades.

O terceiro, e último, contexto corrobora a análise feita no primeiro contexto. A estratégia militar aérea é um tipo de estratégia militar cujas atividades desenvolvidas estão relacionadas com a preparação e emprego do poder aéreo, sendo este relativo ao ramo da força aérea. Deste modo, verificamos uma relação de hiponímia. O termo "estratégia militar aérea" é hipónimo de "estratégia militar".

Assim, as relações que estabelecemos com "estratégia militar aérea" são:

a) é um tipo de estratégia militar
b) recorre à força aérea
c) visa alcançar objetivos estratégicos

A análise dos contextos do termo "estratégia militar" é o nosso ponto de interesse, dado que o objetivo principal deste trabalho é a proposta de uma nova definição para o conceito <Estratégia militar>. Neste sentido, com a análise dos contextos pretendemos, num primeiro momento, inferir relações com o termo "estratégia militar" para, num segundo momento, procedermos à definição do conceito que é designado por este termo.

> *Contexto 1*: A **estratégia militar**, enquanto estratégia geral, situa-se num nível intermédio entre a conceção política e a sua operacionalização, ao nível das estratégias particulares, a quem cabe combinar, coordenar e efetuar a adaptação de processos.

O primeiro contexto do termo retrata a estratégia militar como um tipo de estratégia geral, já abordado anteriormente, mas também verificado na sequência "enquanto estratégia geral". Também é transmitida a ideia de que a estratégia militar tem estratégias particulares que lhe estão subordinadas cujos objetivos são de combinação, coordenação e adaptação de processos. Esta ideia pela sequência "estratégias particulares, a quem cabe".

> *Contexto 2*: Também Arthur F. Lykke Jr., tendo como pano de fundo que uma **estratégia militar** consiste na arte e ciência de emprego das Forças Armadas de uma nação com vista a assegurar os objetivos da política nacional pela aplicação da força ou ameaça do uso da força.

O segundo contexto define a estratégia militar como sendo uma "arte e ciência" que "consiste" no emprego do poder militar, leia-se, forças armadas de um Estado. Este emprego tem como finalidade alcançar os objetivos estratégicos que derivam da política nacional. Esse

emprego pode ser de ordem efetiva, com a aplicação da força, ou pode ser utilizado como ameaça, isto é, a força não é utilizada efetivamente.

> *Contexto 3*: Se a tática trata do emprego das forças militares na batalha e a arte operacional está preocupada com a condução das campanhas, a **estratégia militar** usa os instrumentos militares para atingir os fins da política. É, por isso, um elo de ligação entre os objetivos políticos e a força militar, entre os fins políticos a atingir e os meios militares a utilizar.

O último contexto apresenta uma divisão entre o que é a estratégia militar e a sua operacionalização. Enquanto à estratégia militar cabe decidir e planear a forma como os instrumentos militares serão utilizados para atingir os objetivos definidos pela política, à tática cabe o emprego desses instrumentos militares no campo de batalha. Por outras palavras, a estratégia militar é o planeamento e a tática é a aplicação desse planeamento.

Ao longo do trabalho, foram abordados diversos tipos de estratégias militares, nomeadamente, "estratégia militar aeroespacial", "estratégia militar naval" e "estratégia militar terrestre". Mais uma vez, estamos perante uma relação de hiponímia, em que os três termos supramencionados são hipónimos de "estratégia militar". Contudo, também se pode estabelecer uma relação entre os hipónimos: co-hiponímia. Por outras palavras, "estratégia militar aeroespacial", "estratégia militar naval" e "estratégia militar terrestre", entre eles, são co-hipónimos.

Capítulo 5 – Organização do conhecimento: do linguístico ao concetual

5.1. Relação entre a dimensão linguística e a concetual

Os contextos fornecem-nos informações importantes para a nossa proposta de definição do conceito <Estratégia militar> considerando que, por via da análise dos contextos, identificámos possíveis características do conceito <Estratégia militar>, como passamos a descrever.

Num primeiro momento, a observação de uma relação de hiperonímia-hiponímia entre o termo "estratégia militar", o hipónimo, e o termo "estratégia", o hiperónimo, leva-nos a inferir que, a nível concetual, se estabeleça uma *relação genérica* entre os conceitos <Estratégia militar> e <Estratégia>, sendo o primeiro, o conceito específico, e o segundo, o conceito genérico. Neste trabalho, adotamos a definição de relação genérica proposta pela ISO 1087:2019:

> "concept relation between a generic concept and a specific concept where the intension of the specific concept includes the intension of the generic concept plus at least one additional delimiting characteristic" (ISO 1087, 2019).

Ou seja, a relação genérica estabelece uma relação de genericidade e especificidade entre dois conceitos, na qual o conceito específico – também denominado por conceito subordinado –, herda todas as características do genérico – igualmente referido como conceito superordenado –, e, pelo menos, uma característica adicional distintiva. No caso de <Estratégia militar>, a característica distintiva acrescentada ao conceito genérico <Estratégia> é a característica /militar/. Assim, entendemos que o adjetivo qualificativo "militar" – no plano da língua –, se assume como um identificador da característica distintiva do conceito. Este tipo de relação concetual, na qual o conceito específico abrange todas as características do conceito genérico, pode ser expressa da seguinte forma: <Estratégia militar> é um tipo de <Estratégia>.

Relativamente aos conceitos <Estratégia militar aeroespacial>, <Estratégia militar naval> e <Estratégia militar terrestre>, inferimos, pelos mesmos mecanismos de análise, que se estabelece igualmente uma relação genérica, sendo todos estes conceitos subordinados a <Estratégia militar>.

Seguidamente, identificamos relações associativas, que são definidas pela ISO (1087, 2019) como "non-hierarchical concept relations". Este tipo de relação, segundo Lara (2009, p.115), diz respeito a "(...) uma conexão temática [que] pode ser estabelecida entre os conceitos

(...). Por outras palavras, as relações que são estabelecidas entre os conceitos é face a uma temática que seja comum aos mesmos.

Ainda de acordo com Lara (2009), podem ser estabelecidas diversas relações associativas:

> "Algumas relações associativas são estabelecidas em relação à sua proximidade no espaço e no tempo. Tais relações envolvem matéria-prima - produto, ação - equipamento/instrumento, quantidade - unidade, material - propriedade, material - estado, matéria/substância - propriedade, etc" (Lara, 2009, p.115).

A primeira relação associativa que observamos é do tipo *atividade-instrumento* tendo em conta a seguinte análise: sabendo que <Estratégia militar> é relativo a um planeamento (atividade) e que a forma de alcançar esse planeamento é utilizando as forças armadas (instrumento), inferimos que <Estratégia militar> é uma atividade que utiliza as <Forças armadas> como instrumento.

A segunda relação associativa que inferimos é do tipo *causa-efeito,* estabelecida entre <Estratégia militar>, um conceito que diz respeito à causa, cujos resultados procuram atingir <Objetivos políticos>, sendo este conceito, por conseguinte, o efeito da causa.

Com estes contextos, conseguimos ter uma visão detalhada de como alguns dos termos apontam para conceitos associados ao conceito <Estratégia militar>, embora nem todos sejam considerados fulcrais para as propostas de definição a serem incluída nos mapas. São os detalhes analisados neste ponto que nos ajudarão a estabelecer relações lexicais e concetuais que, por sua vez, serão necessárias para a organização do conhecimento, leia-se, a construção dos mapas lexicais e concetuais.

5.2 Construção de mapas lexicais

Para a construção dos mapas lexicais, optámos por construir mapas que representam quatro termos que foram selecionados para a análise dos contextos:

a) "estratégia de defesa nacional"
b) "estratégia de defesa militar"
c) "estratégia naval"
d) "estratégia militar aérea"

Para representar definições lexicais dos termos, recorremos ao CmapTools[28] que nos permite alcançar os objetivos traçados. Os mapas lexicais representam definições semiformais que são acompanhadas de definições em língua natural que alimentarão uma possível futura base de dados terminológica.

As relações lexicais foram estabelecidas com recursos a marcadores lexicais que, segundo Ramos (2020):

> "lexical markers are linguistic expressions that commonly point at lexical-semantic relations with a prime terminological goal: they provide us with coordinates that guide us through the task of organising knowledge information" (Ramos, 2020, p.163).

Ou seja, a utilização de marcadores lexicais auxilia o trabalho terminológico, na medida que fornecem coordenadas para a organização do conhecimento. Nos mapas lexicais construídos, os marcadores lexicais utilizados foram os seguintes:

a) é um tipo de (relação que dá conta de *hierarquia*)
b) recorre a (relação que dá conta de *uso*)
c) visa a (relação que dá conta de *finalidade*)
d) resulta de (relação que dá conta de *resultado*)

Para elaborarmos os mapas e propormos definições, optámos por fazer uma pergunta à qual os mapas darão resposta: O que é X? Deste modo, e para darmos resposta a esta questão, elaborámos os mapas a partir dos dados recolhidos com a análise dos contextos (*cf.* Capítulo 4, Ponto 4.1.3).

Os termos em análise estão destacados a cores e as definições foram introduzidas recorrendo à funcionalidade *annotation* (anotação). Esta funcionalidade permite-nos inserir comentários/notas. Consideramos importante relembrar que os termos se encontram grafados entre aspas (" ").

Nos mapas construídos, foram estabelecidas relações de hiperonímia/hiponímia, relações de meronímia/holonímia e relações associativas. No que diz respeito às relações associativas, adotamos o ponto de vista de Saussurre (2005):

[28] https://cmaptools.en.softonic.com/

> "D'autre part, en dehors du discours, les mots offrant quelque chose de commun s'associent dans la mémoire, et il se forme ainsi des groupes au sein desquels règnent des rapports très divers. (...) Elle n'ont pas pour support l'étendue; leur siège est dans le cerveau; elles font partie de ce trésor intérieur qui constitue la langue chez chaque individu. Nous les appellerons rapports *associatifs*" (Saussurre, 2005, pp.132-133).

Saussurre entende que as relações associativas dizem respeito às associações mentais estabelecidas entre signos linguísticos. Estas relações são importantes na compreensão da estrutura e do funcionamento da língua. Para Saussurre os signos linguísticos não têm um significado fixo, mas sim relativo ao que é determinado pelas relações que eles estabelecem com outros dentro de um mesmo sistema linguístico.

5.2.1. Mapa lexical 1 – *"estratégia de defesa nacional"*

No Mapa 1, observam-se várias relações que se estabelecem com o termo "estratégia de defesa nacional", nomeadamente, relações de hiperonímia/hiponímia, relações de meronímia/holonímia, e uma relação associativa.

A "estratégia de defesa nacional" *é um tipo de* (*hiperonímia-hiponímia*) "estratégia nacional" que, por sua vez, *é um tipo de* (*hiperonímia/hiponímia*) "estratégia". Nesta relação, o marcador lexical utilizado *é um tipo de*. Neste sentido, "estratégia" é hipónimo em relação a "estratégia nacional", que é hipónimo de "estratégia de defesa nacional". Por outras palavras, "estratégia de defesa nacional" é específico face a "estratégia nacional".

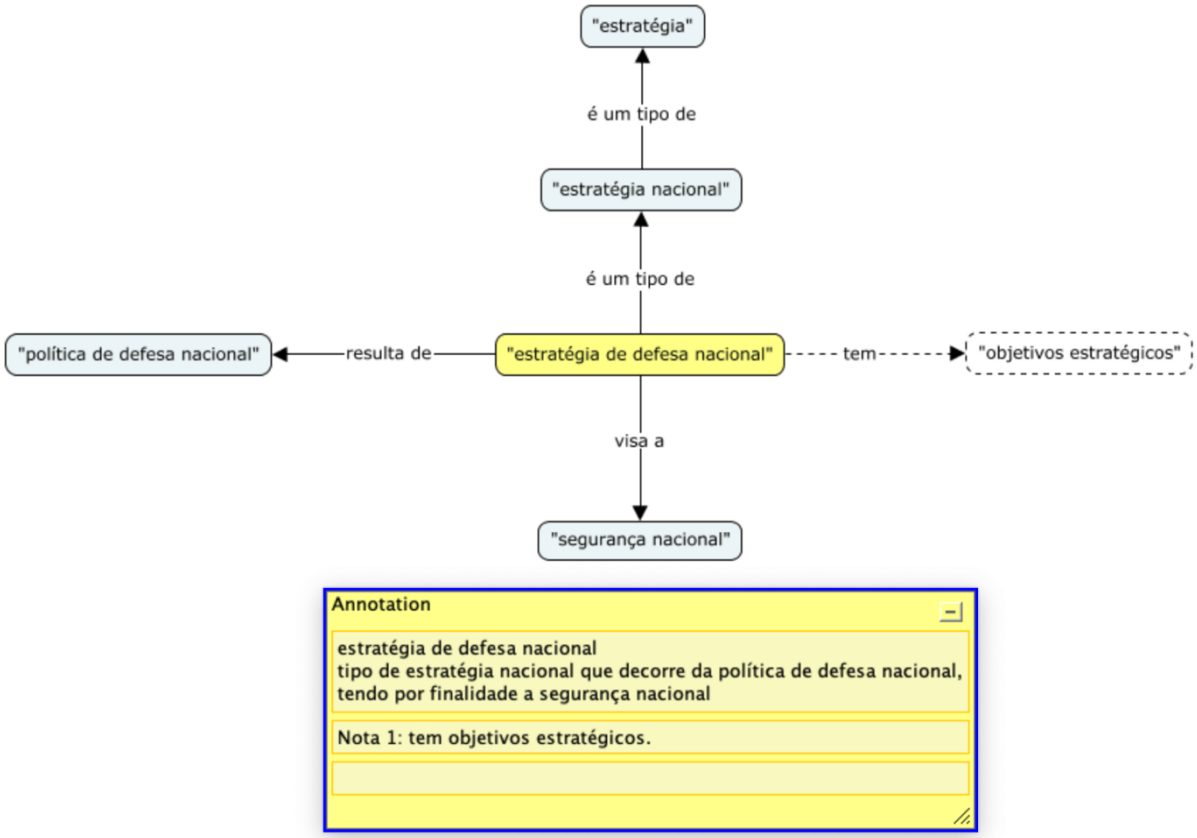
A "estratégia de defesa nacional" *resulta de* (*meronímia-holonímia*) "política de defesa nacional". Para representarmos esta relação lexical, recorremos ao marcador lexical *resulta de*. Neste caso, foi estabelecida uma relação de meronímia, na perspetiva de L'Homme (2004):

> "Phase-activité
> Cette relation méronymique touche des activités et ne concerne plus les entités. Les activités peuvent être découpées en parties distinctes appelées phases. Ces dernières s'articulent normalement dans une chronologie, c'est-à-dire qu'elles se succèdent les unes aux autres" (L'Homme, 2004, p.101).

Por outras palavras, consideramos ser uma relação de meronímia, do ponto de vista de L'Homme (2004), dado que a "estratégia de defesa nacional" pode ser vista como uma fase da atividade que é a "política de defesa nacional". Observando a citação de L'Homme, verificamos que o tipo de meronímia identificada é articulado numa cronologia. Neste sentido, deduzimos que a "estratégia de defesa nacional" surge após a "política de defesa nacional", confirmando que é, efetivamente, uma fase de uma atividade que se desenrola cronologicamente.

A última relação estabelecida foi uma relação associativa – na perspetiva de Saussure –, entre "estratégia de defesa nacional" e "segurança nacional". Neste caso, utilizámos o marcador lexical *visa a* de modo a darmos conta de uma finalidade. Ou seja, "estratégia de defesa nacional" é o processo, e "segurança nacional" assume-se como o objetivo.

Com estes elementos, podemos representar as relações num mapa, o que permite a redução da ambiguidade através da definição que propomos. Ou seja, as relações estabelecidas permitem uma leitura e interpretação dos dados, que resulta numa construção de significado mais compreensível e menos ambígua.



Mapa lexical 1 – "estratégia de defesa nacional"

Deste modo, tendo como ponto de partida o termo "estratégia de defesa nacional", destacado a amarelo no Mapa 1, verificamos que este corresponde a *um tipo de* "estratégia nacional" que, por sua vez, *é um tipo de* "estratégia". Ao considerar o termo em análise, obtemos relações de hiponímia, meronímia e associativa, guiadas por setas a partir do termo destacado.

Com estes dados, foi-nos possível apresentar uma definição em língua natural que responde à pergunta que colocámos anteriormente: tipo de estratégia nacional que decorre da política de defesa nacional, tendo por finalidade a segurança nacional.

Como foi anteriormente referido, decidimos inserir a definição dos conceitos designados pelos termos recorrendo à funcionalidade da anotação. Essa anotação é observável na caixa de texto a amarelo com o título "Annotation". Antes da definição, introduzimos o conceito que está a ser definido.

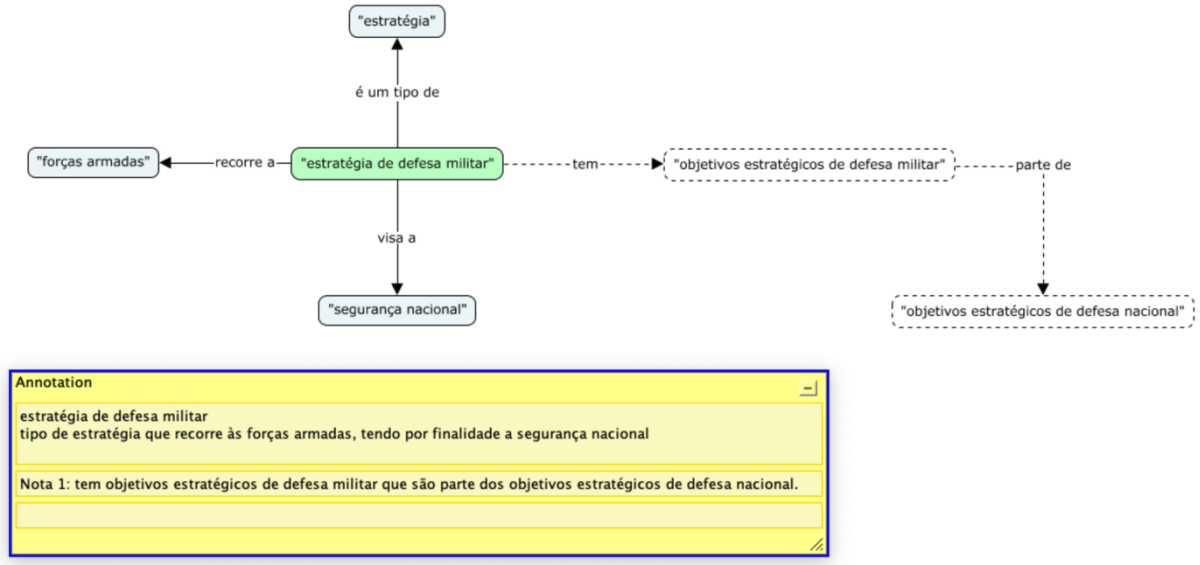
Consideramos importante referir que estabelecemos uma outra relação, que representamos com o marcador lexical *tem* (*meronímia-holonímia)* entre "estratégia de defesa nacional" – o holónimo –, e "objetivos estratégicos" – o merónimo. No entanto, o facto de não ser considerado um elemento essencial para a proposta de definição, esta relação foi estabelecida como sendo secundária. Neste sentido, optámos por colocá-la a tracejado e, em vez de ser considerada na definição, foi introduzida em nota de texto (*cf.* Mapa 1).

5.2.2. Mapa lexical 2 – *"estratégia de defesa militar"*

No Mapa 2 também estão estabelecidas relações com o termo "estratégia de defesa militar", como é o caso de relações de hiponímia e duas relações associativas do tipo (1) *processo-objetivo* e (2) *atividade-instrumento*.

A "estratégia de defesa militar" *é um tipo de (hiperónimo-hipónimo)* "estratégia". Assim, "estratégia" é o hiperónimo, enquanto "estratégia de defesa militar" é o hipónimo.

As relações associativas estabelecidas a partir do termo "estratégia de defesa militar" – que entendemos tratar-se de uma atividade –, são expressas (1) pelo marcador lexical *recorre a*, que estabelece um tipo de relação associativa *atividade-instrumento* com "forças armadas" – o instrumento –, e (2) pelo marcador *visa a* "segurança nacional" (relação associativa do tipo *processo-objetivo*).



Mapa lexical 2 – "estratégia de defesa militar"

Neste sentido, tomando o termo "estratégia de defesa militar", destacado a verde no Mapa 2, como ponto de partida, podemos afirmar que *é um tipo de* "estratégia". E através da observação do Mapa 2, verificamos uma relação de hiponímia-hiperonímia, duas relações associativas, que dão conta da relação associativa *processo-objetivo* e duas relações de meronímia-holonímia expressas pelos marcadores lexicais *tem* (*holonímia*) e *parte de* (*meronímia*).

Com estes dados, foi-nos possível apresentar uma definição em língua natural que responde à pergunta que colocámos: tipo de estratégia que recorre às forças armadas, tendo por finalidade a segurança nacional.

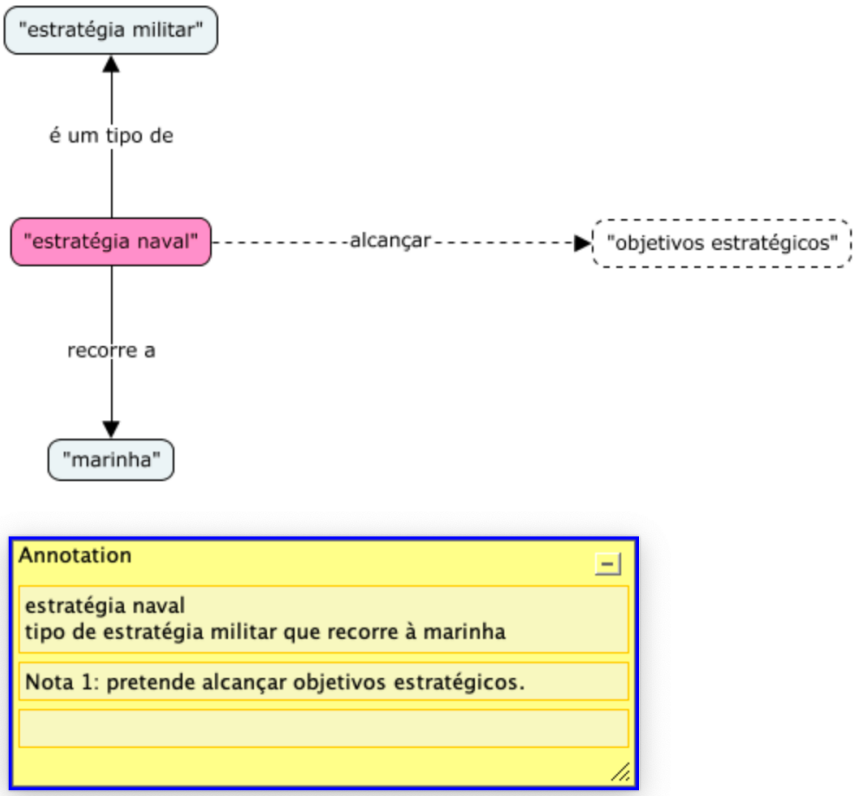
À semelhança do Mapa 1, foram estabelecidas duas relações de meronímia. A "estratégia de defesa militar", *tem* (*holonímia*) "objetivos estratégicos de defesa militar" que, por sua vez, são *parte de* (*meronímia*) "objetivos estratégicos de defesa nacional". Novamente, não sendo elementos definitórios, mas sim informativos, foram introduzidas em nota de texto (*cf.* Mapa 2).

5.2.3. Mapa lexical 3 – *"estratégia naval"*

No Mapa, 3 foi representado o termo "estratégia naval". As relações lexicais identificadas são de hiperonímia-hiponímia, e associativas dos tipos *atividade-instrumento* e *processo-objetivo*.

Face à relação de hiponímia, "estratégia naval" *é um tipo de* (*hiperonímia-hiponímia*) "estratégia militar". Assim, "estratégia militar" é um hiperónimo, enquanto "estratégia naval" é um hipónimo.

No que diz respeito às relações associativas, "estratégia naval" – a atividade –, *recorre a* (*atividade-instrumento)* "marinha" – o instrumento –, para *alcançar* (*processo-objetivo*) "objetivos estratégicos".



Mapa lexical 3 – "estratégia naval"

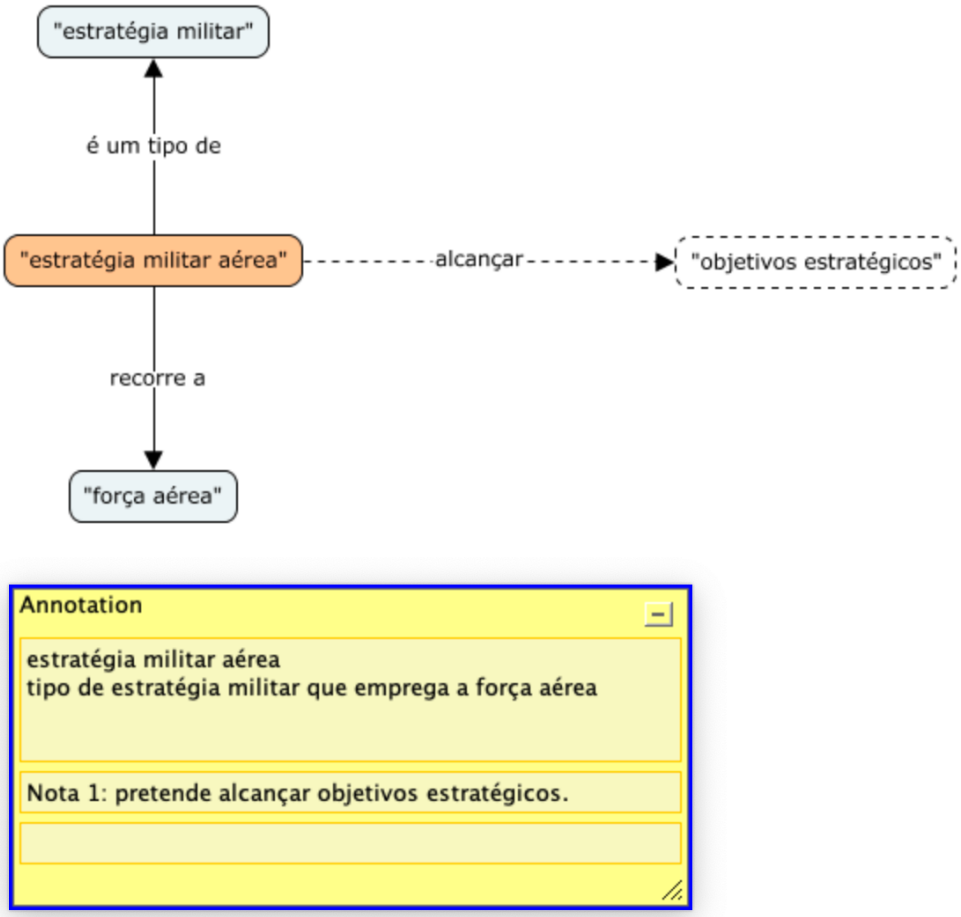
Assim, tomando o termo "estratégia naval", destacado a rosa no Mapa 3, como ponto de partida, podemos afirmar que *é um tipo de* "estratégia militar". E, através da observação do Mapa 2, verificamos uma relação de hiperonímia-hiponímia e dois tipos de relações associativas que exprimem (1) *atividade-instrumento* e (2) *processo-objetivo.*

Neste sentido, é possível apresentarmos uma definição que responde à pergunta que colocámos: tipo de estratégia militar que recorre à marinha para alcançar objetivos estratégicos.

Novamente, a relação associativa de *processo-objetivo* não é essencial para a proposta de definição, por isso é incluída em nota de texto (*cf.* Mapa 3).

5.2.4. Mapa lexical 4 – *"estratégia militar aérea"*

No Mapa 4, estabelecem-se relações face ao termo "estratégia militar aérea". As relações estabelecidas são de hiperonímia-hiponímia, e relações associativas do tipo *atividade-instrumento* e de *processo-objetivo*.



Mapa lexical 4 – "estratégia militar aérea"

No que concerne à relação de hiponímia, "estratégia militar aérea" *é um tipo de (hiperonímia-hiponímia)* "estratégia militar". Assim, "estratégia militar" é hiperónimo de "estratégia militar aérea" que é, consequentemente, um hipónimo.

No que diz respeito às relações associativas, a "estratégia militar aérea" *recorre a* (*atividade-instrumento*) "força aérea", para *alcançar* (*processo-objetivo*) "objetivos estratégicos".

Assim, partindo do termo "estratégia militar aérea", destacado a laranja no Mapa 4, podemos afirmar que *é um tipo de "*estratégia militar". E, através da observação do Mapa 4, verificamos uma relação de hiperonímia-hiponímia e dois tipos de relações associativas: (1) *atividade-instrumento* e (2) *processo-objetivo*.

Assim, podemos apresentar uma definição que responde à pergunta inicialmente colocada: tipo de estratégia militar que recorre à força aérea para alcançar objetivos estratégicos.

Mais uma vez, uma das relações associativas estabelecidas não fazem parte da definição, nomeadamente a relação expressa pelo marcador lexical *alcançar,* pelo que foi introduzida em nota de texto e, no Mapa 4, foi colocada a tracejado.

5.2. Dimensão concetual

Com base na dupla dimensão da terminologia, a abordagem mista adotada para este trabalho justifica a nossa alternância entre a dimensão linguística e a dimensão concetual. A conclusão dos mapas lexicais, associada à necessidade de se proceder à construção de um mapa concetual, leva-nos a passar da dimensão linguística para a concetual.

Recordamos que é nossa finalidade definir o conceito <Estratégia militar>.

Para representar as relações concetuais escolhemos, novamente, trabalhar com o CmapTools. O mapa concetual, à semelhança dos mapas lexicais, contém uma definição em língua natural. As relações que foram estabelecidas foram as consagradas na ISO 1087:2019:

a) relações hierárquicas
b) relações partitivas
c) relações associativas

Estas relações estabelecidas entre os conceitos foram fundamentais para a proposta de definição do conceito <Estratégia militar>, o principal objetivo deste trabalho.

5.3.1. Proposta do mapa concetual de <Estratégia militar>

O mapa concetual é o principal ponto de interesse deste capítulo, sendo este o objetivo do presente trabalho. A diferença entre este e os restantes mapas é o facto de este mapa definir o conceito <Estratégia militar>.

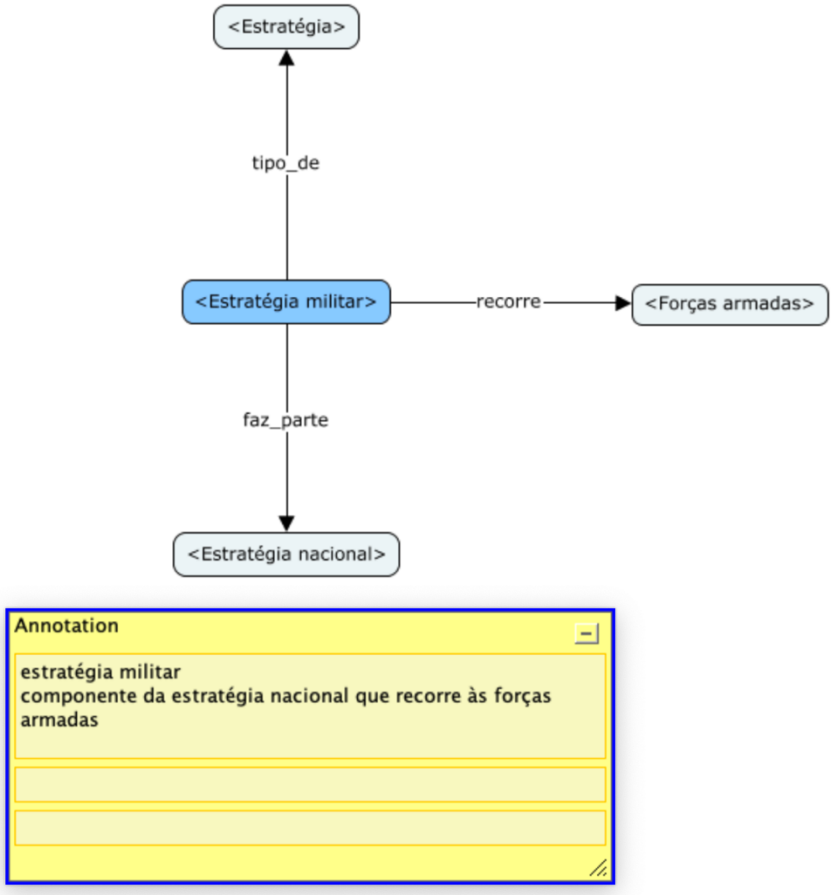
Neste sentido, são estabelecidas relações de ordem hierárquica (*genérico-específico*), partitiva (*parte-todo*), e associativa (subtipos: *causa-efeito* e *atividade-instrumento*).

No que concerne à relação hierárquica, <Estratégia militar> é um *tipo_de* (*genérico-específico*) <Estratégia>. Assim, o conceito <Estratégia militar> é específico, enquanto <Estratégia> é genérico.

A relação partitiva entre os conceitos <Estratégia militar> e <Defesa nacional>. O primeiro *faz_parte* do segundo. Ou seja, <Estratégia militar> é parte da <Defesa nacional>, que é o todo.

No que diz respeito à relação associativa, <Estratégia militar> *recorre* a (*atividade-instrumento*) <Forças armadas>.

Relembrando outras relações face ao conceito <Estratégia militar> (*cf.* Capítulo 4, Ponto 4.1.3), nem todas são consideradas, uma vez que não estariam a responder à pergunta "O que é". Neste sentido, apenas consideramos as relações que nos permitam responder à pergunta com clareza e precisão.



Mapa concetual– <Estratégia militar>

Assim, com ponto de partida no conceito <Estratégia militar>, destacado a azul no Mapa 5, afirmamos que este é um *tipo_de* <Estratégia>. No Mapa 5, também verificamos uma relação hierárquica (*genérico-específico*), uma relação associativa (*atividade-instrumento*) e uma relação partitiva (*parte-todo*).

Estas relações fornecem-nos as características essenciais necessárias para a proposta de uma definição reformulada do conceito <Estratégia militar>. Neste sentido, a nossa proposta para o conceito <Estratégia militar> é

componente da estratégia nacional que recorre às forças armadas

Nesta definição podemos associar unidades lexicais às relações estabelecidas como, por exemplo, "componente da" diz respeito a *faz_parte*; "recorre às" diz respeito a *recorre*. Adicionalmente, podemos observar a presença dos termos associados aos conceitos

identificados no mapa como, por exemplo, o termo “estratégia nacional” designa o conceito <Estratégia nacional> e o termo “forças armadas” designa o conceito <Forças armadas>.

6. Considerações finais

Neste seguimento, consideramos que os mapas por nós apresentados podem ser o ponto de partida para uma organização formal do conhecimento relativo à estratégia. Essa organização formal poderia assumir-se como uma base de dados terminológica, multilingue, onde poderia haver uma complementaridade face aos diversos recursos que já existem em relação à estratégia.

A escassez de informação especializada no que diz respeito à estratégia, tal como observado anteriormente, talvez, devido ao seu contexto confidencial e sensível, associada à escassa disponibilidade de recursos terminológicos, especialmente no que diz respeito à organização de conceitos, leva-nos a julgar que um recurso terminológico no âmbito da organização formal do conhecimento poderia responder a dúvidas dos especialistas do domínio das ciências militares e/ou utilizadores da terminologia militar, embora não sejam especialistas da mesma.

Contudo, um recurso de tal complexidade requer um cruzamento interdisciplinar, principalmente, entre a terminologia e as engenharias do conhecimento, justificada pela complexidade de uma organização formal do conhecimento.

Assim, chegamos à conclusão de que o nosso trabalho está numa fase inicial e que abre portas para um possível aprofundamento do mesmo. Porém, terá de ser realizado num contexto académico-científico mais avançado.

A compreensão da terminologia militar é essencial para uma comunicação eficaz não só entre especialistas, mas também não especialistas que sejam utilizadores desta terminologia. Os termos e conceitos que foram analisados neste trabalho são apenas alguns exemplos de todo um vasto leque de termos e conceitos que compõem um campo tão extenso e específico que são as ciências militares.

Apenas com recurso à compilação e análise de *corpora* foi possível fazer um levantamento dos candidatos a termo e/ou termos que, num primeiro momento, foram alvo de exclusão todos os candidatos a termo que não se inseriam no nosso subdomínio de análise.

Este trabalho explorou o papel dos termos e conceitos na organização e comunicação do conhecimento, sendo que definir conceitos de forma clara e concisa é fulcral para uma comunicação não ambígua. Através da análise de contextos, conseguimos inferir relações lexicais e concetuais de modo a obtermos dados suficientes para a construção dos mapas lexicais e concetuais.

Neste trabalho foram exploradas as relações lexicais e as concetuais. As relações lexicais são importantes porque dizem respeito à forma como os termos se relacionam e são usados no discurso, enquanto as relações concetuais contribuem para uma compreensão mais abrangente e clara de um determinado domínio. Sem as relações lexicais e concetuais estabelecidas não seria possível passar à construção dos mapas.

Os mapas lexicais e concetuais assumem-se como produtos úteis para se visualizar e organizar o conhecimento, ainda que de forma semiformal, de um determinado domínio. Esses mapas permitem que os utilizadores observem as relações entre conceitos e os consigam inserir num determinado sistema concetual. Além disso, estes mapas ajudam a resolver ambiguidades que decorrem no discurso de especialidade.

Os mapas construídos ajudam-nos a dar uma resposta a perguntas colocadas ao longo do presente trabalho. A primeira relativa à possível redundância entre os termos "estratégia" e "estratégia militar". O facto de estratégia militar ser um tipo de estratégia confirma que estamos perante dois conceitos distintos e, consequentemente, estes termos não são uma redundância. A segunda pergunta é relativa à possível elipse entre "estratégia militar" e "estratégia de defesa militar". Através dos mapas, conseguimos observar que não designam o mesmo conceito, logo, entre estes termos não estamos perante uma elipse.

Admitimos que o nosso trabalho tem duas vulnerabilidades. A primeira prende-se com o facto de não termos acesso à totalidade da terminologia militar, justificado pelo contexto sensível e confidencial das ciências militares. Isto significa que, talvez, possam existir dados que sejam contraditórios face ao trabalho desenvolvido por nós. A segunda vulnerabilidade é justificada pela falta de validação por um grupo de especialistas. Caso os especialistas não validem os mapas e a nossa organização semiformal do conhecimento, todo o trabalho desenvolvido terá de sofrer um profundo processo de revisão.

No entanto, o objetivo principal do trabalho foi atingido. A metodologia adotada permitiu-nos estabelecer relações lexicais e concetuais para chegarmos a uma nova proposta de definição para o conceito <Estratégia militar>: componente da estratégia nacional que recorre às forças armadas.

Por último, apesar de os mapas serem representações semiformais e simplificadas do conhecimento, estes assumem-se como o ponto de partida para uma representação formal do mesmo, um passo que poderá ser tomado num outro contexto académico-científico.

Referências bibliográficas

Academia Militar. (n.a). "Curso de Ciências Militares" [online]. Disponível em: https://academiamilitar.pt/curso-de-ciencias-militares-na-especialidade-de-seguranca.html. (Consultado a 23 de janeiro de 2023).

Bin, S. (2008). *As Estratégias Militares – Do Plano à Ação.* Lisboa: Coisas de Ler.

Cabré, M. T. (1999). *Terminology: Theory, Methods, and Applications.* Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.

Costa, R. (2001). *Pressupostos teóricos e metodológicos para a extracção automática de unidades terminológicas multilexémicas. Tese (Doutoramento).* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

Costa, R., Fernandes, J. e Peres, P. (2016). "Putting Order into Our Universe: The Concept of *Blended Learning*—A Methodology within the Concept-based Terminology Framework", in *EducationSciences* 6(2), 15 [online]. Disponível em: https://doi.org/10.3390/educsci6020015. (Consultado a 22 de março de 2023).

Costa, R., Silva, R. e Campos, M. I. B. (2020). "Terminologia, uma disciplina de interfaces", in *Linha D'Água* 33(1), pp.1-8.

Cunha, C., Cintra, L. (1984). *Nova gramática do português contemporâneo.* Lisboa: João Sá da Costa.

Duarte, A. P. (2009). "O Conceito de Estratégia no Pensamento Estratégico-Militar Português na Era da Guerra Total. Da Grande Guerra à Entrada na NATO – 1919-1958.", in *Nação e Defesa* 123, pp.175-190.

Ferreira, M., Valério, T. e Moreira, S. (2018). "Recensão Crítica ao livro "Introdução à Estratégia", de André Beaufre" in *Proelium* Série VII (1), pp.255-273.

Fundação Calouste Gulbenkian (a). (2013). *Gramática do Português – Volume I.* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Fundação Calouste Gulbenkian (b). (2013). *Gramática do Português – Volume II*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gil, I. T. M. (2003). "Algumas considerações sobre línguas de especialidade e seus processos lexicogénicos" in *Mathésis* 12, pp.113-130.

Infopédia – Dicionários Porto Editora. (n.a). "Estratégia" [online]. Disponível em: https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/estratégia. (Consultado a 23 de março de 2023).

Instituto Universitário Militar. (2020). "Glossário de Termos Militares" [online]. Disponível em: https://www.ium.pt/files/conteudos/260/Glossario_Termos_Militares_v-online.pdf. (Consultado a 18 de janeiro de 2023).

ISO 1087. (2019). "Terminology work and terminology science – Vocabulary" [online]. Disponível em: https://www.iso.org/standard/62330.html. (Consultado a 12 de abril de 2023).

ISO 704. (2022). "Terminology work – Principles and methods" [online]. Disponível em: https://www.iso.org/obp/ui/#iso:std:iso:704:ed-4:v1:en. (Consultado a 12 de abril de 2023).

Ivashchenko, V., Ivashchenko, D. (2023). "Ukranian military terminology in the conditions of armed aggression: legislative and media discourses" in *Terminology Science & Research* 26, pp.45-67.

L´Homme, M. C. (2004). *La terminologie: principes et techniques.* Montreal: Les Presses de l'Université de Montréal.

L´Homme, M. C. (2020). *Lexical Semantics for Terminology: an introduction.* Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company.

Lara, M. L. G. (2009). *Linguística Documentária: seleção de conceitos. Tese.* São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

Mendes, A. (2016). "Linguística de Corpus e outros usos dos corpora em Linguística" in *Manual de Linguística Portuguesa* 16, pp.224-251.

Oliveira, A. C. F. (2011). *Flexão Nominal e Nominalizações Agentivas e Instrumentais em Crianças com Perturbações Específicas do Desenvolvimento da Linguagem. Dissertação (Mestrado).* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

Ramos, M. (2015). *O valor das definições para a organização conceptual da rolha da cortiça: uma questão de terminologia. Dissertação (Mestrado).* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

Ramos, M. (2020). *Knowledge Organization and Terminology: Application to Cork. Tese (Doutoramento).* Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

Ribeiro, A. S. (2010). *Política de Defesa Nacional e Estratégia Militar: modelo de elaboração.* Ericeira: Diário de Bordo.

Ribeiro, A. S. (2020). *Teoria Geral da Estratégia: o essencial ao processo estratégico.* Coimbra: Almedina.

Rio-Torto, G. (2006). "Para uma Gramática do Adjectivo" in *Alfa: Revista de Linguística* 50(2), pp.103-129.

Roche, C. (2003). "Ontology: a survey" in *IFAC Proceedings Volumes* 36(22), pp.187-192.

Santos, C. e Costa, R. (2015). "Domain specificity: semasiological and onomasiological knowledge representation", in *Handbook of Terminology.* Amesterdão/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, pp.153-179.

Silva, R. (2014). *Gestão de Terminologia pela Qualidade: Processos de validação.* Tese de Doutoramento. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

Saussurre, F. (2005). *Cours de Linguistique Générale.* Genebra: Arbre D'Or.

Sinclair, J. (1991). *Corpus, Concordance, Collocation*. Oxford: Oxford University Press.

Thoiron, P. e Béjoint, H. (2010). "La terminologie, une question de termes?" in *Meta* 55(1), pp.105-118.

Tzu, S. (2020). *The Art of War.* London: Flame Tree Publishing.

Lista de figuras

Figura 1: Processos e pontos de partida (Cabré, 1999, p.38).....7
Figura 2: Esquema do domínio e dos seus subdomínios segundo a Academia Militar (n.a) ..11
Figura 3: Divisões da estratégia quanto à coação segundo Ferreira et al. (2018, p.259).....12
Figura 4: Aceções de "estratégia" segundo a Infopédia (n.a) 14
Figura 5: Aceções de "estratégia" segundo o IUM (2020, p.129) 15
Figura 6: Possível divisão de estratégia militar segundo Ferreira et al. (218, p.259).....16
Figura 7: Possível divisão de estratégia militar segundo o IUM (2020, p.129).....17
Figura 8: Possível divisão de estratégia militar 18
Figura 9: Aceções de aeroespacial segundo a Infopédia (n.a) 18
Figura 10: Dados brutos do corpus textual obtidos com o AntConc 26
Figura 11: Exemplo de resultados da concordância de "segurança" 28
Figura 12: Exemplo de resultados de N-grams de "segurança".....29

Lista de tabelas

Tabela 1: Comparação dos dados (AntConc vs. SketchEngine).....25
Tabela 2: Formas nominais mais frequentes no corpus textual 27
Tabela 3: Exemplo de unidades lexicais excluídas.....30
Tabela 4: Candidatos a termo 33
Tabela 5: Candidatos a termo selecionados para a análise dos contextos 33
Tabela 6: Síntese dos adjetivos.....38